



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

SILVANEIDE MARIA DA CONCEIÇÃO FREITAS

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE TRABALHO RURAL PARA
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS FILHOS DE TRABALHADORES RURAIS**

PETROLINA – PE

2024

SILVANEIDE MARIA DA CONCEIÇÃO FREITAS

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE TRABALHO RURAL PARA
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS FILHOS DE TRABALHADORES RURAIS**

Trabalho de Dissertação apresentado
a Universidade Federal do Vale do
São Francisco –UNIVASF, Campus
Petrolina, como requisito para
obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Henrique
Pereira Espíndula

PETROLINA – PE

2024

F866r Freitas, Silvaneide Maria da Conceição
Representações sociais sobre trabalho rural para estudantes universitários filhos de trabalhadores rurais / Silvaneide Maria da Conceição Freitas. – Petrolina - PE, 2024.
xi, 66 f: il. ; 29 cm.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Petrolina - PE, 2024.

Orientador (a): Prof.(a) Dr. Daniel Henrique Pereira Espíndula.

Inclui referências.

1. Estudantes universitários. 2. Representações sociais. 3. Trabalho rural. I. Título. II. Espíndula, Daniel Henrique Pereira. III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 378.198

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

SILVANEIDE MARIA DA CONCEIÇÃO FREITAS

**Representações sociais sobre trabalho rural para estudantes
universitários filhos de trabalhadores rurais**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em psicologia, pela universidade Federal do Vale do São Francisco.

Aprovada em: 31 de janeiro de 2024.

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **DANIEL HENRIQUE PEREIRA ESPINDULA**
Data: 31/01/2024 18:27:09-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

(Daniel Henrique Pereira Espíndula, Doutor, Universidade Federal do Vale do São Francisco – Univasf).

Documento assinado digitalmente
 **PHABLO FREIRE PAIVA**
Data: 31/01/2024 15:47:31-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

(Phablo Freire Paiva, Doutor, Faculdade de Ciências Humanas e Exatas do Sertão do São Francisco – FACESF)

Documento assinado digitalmente
 **SUSANNE PINHEIRO COSTA E SILVA**
Data: 31/01/2024 17:18:19-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

(Susanne Pinheiro Costa e Silva, Doutora, Universidade Federal da Paraíba – UFPB)

A todas as pessoas que contribuíram para a realização desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Inicio meus agradecimentos direcionando minha gratidão às políticas de fomento a educação pública e de qualidade que tiveram maior investimento durante o governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, que foram cruciais, desde a graduação, para me trazer até aqui. Portanto, agradeço pela criação da interiorização das Universidades Federais, pelas Políticas de Assistência Estudantil e todas as iniciativas de incentivo à graduação e pós-graduação. Dito isso, estendo o meu agradecimento a Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco - FACEPE pela bolsa concedida através do processo: IBPG-1572-7.07/21

Seguindo os meus agradecimentos, agradeço a todas as forças que foram emanadas pelo universo e os seres de força maior, e a todas as pessoas que acreditaram que era possível e estiveram comigo desde o início e as que, não menos importantes, foram se agregando pelo caminho.

Às pessoas que nunca soltaram a minha mão, minha mãe Benedita, meu pai Josafá e minha irmã Silvania, que são meu sustentáculo, são incentivo, inspiração, proteção e meu maior motivo de aceitar os desafios acadêmicos. Aqui amplio meus agradecimentos ao meu cunhado Cláudio Júnior que foi incentivo e presença importante durante todo o trajeto.

A Josias Lino que chegou em minha vida no meio desse processo acadêmico e foi paciência, cuidado e acolhimento. Esteve presente nos momentos que, para mim, foram os mais desafiadores: a pesquisa e a escrita da dissertação. Estendo minha gratidão a Jhenyffer Lino pelo acolhimento e afeto de sempre.

Aos professores da Univasf que contribuíram para a minha formação, em especial ao meu orientador professor Dr. Daniel Espíndula, que acreditou no nosso projeto, que foi compreensão, paciência, ensinamento e presente durante esses dois anos.

À Ingrid e Mikaelly, que compartilharam o apartamento e a vida comigo, foram portas abertas, cuidado, partilha e acolhida na minha estadia em Petrolina.

A todas as pessoas que de alguma forma foram companhias em Petrolina quando eu estava distante dos meus, agradeço assim, aos que convivi no Edifício Vivaldo Rocha e a todas as amigadas que construí por onde passei, em especial as

companheiras de UNIVASF, Antônia Luiza, Thamires Iukisa e Andréa que compartilharam de pertinho a vida acadêmica e a ânsia de concluir o mestrado.

À Aline Carvalho, que me sustentou em diversos momentos, que foi amiga, psicóloga, companheira de trajeto, afeto, calma e desespero na medida certa. Muita grata por tudo!

Aos participantes que prontamente se voluntariaram a participar da pesquisa, sem eles esse estudo não seria possível.

"A terra, o trigo, o pão, a mesa, a família (a terra); existe neste ciclo, dizia o pai nos seus sermões, amor, trabalho, tempo".
(Raduan Nassar, 2016)

RESUMO

Esse trabalho foi desenvolvido com intuito de investigar as representações sociais do trabalho rural para os estudantes universitários filhos de trabalhadores rurais, compreendendo os significados de trabalho rural para os estudantes universitários homens e mulheres diante da realidade imposta pelo mundo rural. O atual cenário da educação tem sido democratizador para o ingresso de jovens rurais na universidade, porém, ainda requer discussões que tanto viabilize o acesso à educação para os jovens rurais, como também ofereçam possibilidades de se pensar estratégias que assegure a criação de projetos de vida desde muito cedo com informações necessárias acerca dos caminhos educacionais possíveis para a mudança da realidade social, tendo por base a Teoria das Representações Sociais - TRS. Para tal foram entrevistados 16 estudantes universitários, de ambos os sexos, filhos de trabalhadores rurais. A coleta se deu a partir de uma entrevista semiestruturada e por conta da pandemia de Covid-19, a coleta deu-se via aplicativo Google Meet. Após a coleta os dados foram tratados pela análise de Conteúdo de Bardin. Os resultados apontam como os estudantes universitários entrevistados percebem a vivência no meio rural em três tempos: passado – infância e adolescência – Presente – vida universitária – e futuro – após a formatura. Assim, apresentou-se os impactos que a experiência rural traz para a vida dos estudantes, mostrando a prevalência de projetos de vida com expectativa na formação acadêmica e nas possibilidades que a zona urbana pode oferecer.

Palavras-chave: Representações sociais. Estudantes universitários. Ruralidade.

ABSTRACT

This work was developed with the aim of investigating the social representations of rural work for university students who are children of rural workers, understanding the meanings of rural work for male and female university students in the face of the reality imposed by the rural world. The current education scenario has been democratizing for the entry of rural young people into university, however, it still requires discussions that both enable access to education for rural young people, as well as offer possibilities for thinking about strategies that ensure the creation of life projects from a very early age with necessary information about possible educational paths to change social reality, based on the Theory of Social Representations - TRS. To this end, 16 university students, of both sexes, children of rural workers were interviewed. The collection took place based on a semi-structured interview and due to the Covid-19 pandemic, the collection took place via the Google Meet application. After collection, the data was processed using Bardin Content Analysis. The results show how the university students interviewed perceive their experience in rural areas in three periods: past – childhood and adolescence – Present – university life – and future – after graduation. Thus, the impacts that the rural experience brings to the lives of students were presented, showing the prevalence of life projects with expectations in academic training and the possibilities that the urban area can offer.

Keywords: Social representations. University students. Rurality.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 O trabalho e o trabalhador rural	14
1.2 Educação superior no Brasil e estudantes universitários	18
1.3 A Teoria das Representações Sociais	20
2. JUSTIFICATIVA	26
3. OBJETIVOS	26
3.1. Objetivos específicos	26
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
4.1 Infância na zona rural	30
4.2 Adolescência na zona rural	32
4.3 Sentidos de universidade para filhos de trabalhadores rurais	39
4.4 Ensino superior como elemento de mudança de vida	44
4.5 Formação acadêmica e perspectivas de futuro	47
4.6 Ensino superior e os impactos na vida dos estudantes	50
4.7 Vida após a graduação	52
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERENCIAS	56
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	63

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho resulta de um esforço de compreensão das representações sociais incorporadas nos significados e nas perspectivas de futuro dos estudantes universitários filhos de trabalhadores rurais.

O interesse em pesquisar o tema foi despertado a partir do entusiasmo em compreender as experiências de vida dos estudantes universitários evocadas a partir das suas vivências na zona rural. No entanto, por meio das falas dos participantes encontrei refúgio nas relações que também reconstroem minha trajetória de vida como estudante rural filha de trabalhadores rurais.

Me reconheci como pessoa nascida na zona rural. Me vi em muitas falas e me recordei das minhas vivências como estudante que enfrentou o acesso precário aos estudos. Rememorei a vida como moradora da zona rural de um município do interior com cerca de 28 mil habitantes, distante 182 quilômetros da capital. Ribeirinha que viveu até os 16 anos sem energia elétrica, e sem nenhum recurso, além dos livros didáticos, para acesso a informação, sem referência de ensino superior, com excesso de falta de assistências políticas básicas que assegurassem o desenvolvimento biopsicosociocultural e sem nenhuma referência para compreender a dinâmica de mundo que se escondia atrás dos horizontes das serras que me rodoavam.

Sou fruto da escola pública e da universidade pública federal. Sou resultado da interiorização das universidades federais e das políticas de assistência estudantil, que foram mantenedoras da minha permanência na graduação e pós-graduação.

O reconhecimento de questões simbólicas trazidas nas falas dos participantes, sobretudo, as limitações relacionadas a precarização das políticas que tonarvam o acesso a escola sucetível, impulsionaram o aprofundamento para fechamento do estudo.

Apesar do reconhecimento das representações sociais imbricadas na minha história de vida, o trabalho não tem inclinação para uma metodologia voltada para a escrevivência, trata-se apenas de um exercício de reconhecimento empático compartilhado por meio do que compreendo também como o meu lugar de fala.

INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas tem se observado uma inserção crescente do número de jovens no ensino superior. Cursos antes considerados elitistas, como medicina, engenharias e direito vem sendo aos poucos frequentados pelas classes menos abastadas e por grupos sociais com pouco ou nenhum acesso ao ensino superior, devido às políticas de cotas adotadas pelo governo federal (FIGUEIREDO et al., 2022; GOLGHER, 2022).

Foi no início do século 21, mais notadamente a partir de 2003 que tais mudanças começam a se apresentar (GANAM; PINEZI, 2021). De acordo com as autoras, foi proposta uma mobilização de contrarreforma educacional na primeira década dos anos 2000 visando se contrapor ao modelo de políticas de educação superior historicamente produzidas no Brasil. Tais mudanças no movimento da educação superior foram frutos de políticas de Estado, tais como a interiorização das universidades públicas, ampliação de vagas para ingressar na universidade, mudanças no modo de seleção e avaliação para o ingresso e também as políticas e assistência estudantil (GANAM; PINEZI,, 2021).

Este processo de reestruturação do sistema da educação superior vem contribuindo para que várias parcelas da sociedade, dentre elas, os jovens rurais possam ingressar no ensino superior e constituírem outras trajetórias de futuro e atividades laborais, por exemplo. A inserção de jovens rurais na universidade se apresenta então como resultados advindos de políticas de inclusão da educação no ensino superior e de outras voltadas ao campo da infância, juventude e de valorização do campo e de proteções sociais, por exemplo. Tais investimentos e a consequente inserção no ensino superior pode gerar uma reflexão nas modalidades de significação da realidade e expectativas de vida, tais como trabalhar na roça, casar-se, cuidar de filhos e o modo de se relacionar com as possibilidades e adversidades que a vida no campo oferece.

A presente dissertação de mestrado tem por objetivo investigar as representações sociais do trabalho rural para estudantes universitários filhos de trabalhadores rurais. Assim, buscamos compreender o processo educacional que os estudantes experienciaram e ainda vivenciam, como também as expectativas e projetos futuros.

O estudo está dividido em cinco sessões. Primeiro trouxemos uma contextualização sobre o trabalho rural, seguida por uma sessão que apresenta a

concepção teórica do ensino superior no Brasil e um terceiro capítulo teórico sobre a Teoria das Representações Sociais – TRS. A quarta sessão é dedicada a apresentação dos resultados e considerações finais do estudo.

1.1 O trabalho e o trabalhador rural

O trabalho pode ser compreendido como uma atividade/dispositivo humano que perpassa a vida em sociedade e as relações sociais, conferindo um marcador identitários àqueles que estão em atividade produtiva e aos que já passaram, aposentados ou ainda chegarão, como jovens e adolescentes. Tomado como uma prática da produção humana, o trabalho não está restrito a um vínculo formal de emprego ou às atividades produtivas remuneradas, voltando-se também às atividades não remuneradas como o trabalho doméstico ou distantes dos grandes centros urbanos como o trabalho rural, por exemplo. (BESERRA; HENNINGTON; PIGNATTI, 2023).

Sabemos que a agricultura como atividade laboral, a qual desenvolve suas atividades majoritariamente no campo tem seu registro desde a antiguidade. Segundo Pontes, Silva e Silva (2023), àqueles que desenvolvem esta atividade são nominados por vários termos, tais como: trabalhador(a) rural, agricultor(a) familiar, produtor(a) rural, e camponês(esa).

A atividade laboral desenvolvida pelo trabalhador rural pode ser entendida como uma categoria histórica e política (PONTES et al, 2023), na medida em que os trabalhadores e trabalhadoras rurais podem ser concebidos como um sujeito social fruto de suas relações sócio-históricas, como também, fruto de um sistema de produção interligado a uma classe organizada em torno da atividade laboral.

A compreensão dos modos de vida e subjetivação do trabalhador rural ainda é um assunto pouco explorado pela psicologia (SCOPINHO, 2017) e pela psicologia social, mais especificamente. Compreender o funcionamento do meio rural é também compreender uma das bases econômicas, culturais e sociais do país, bem como as assimetrias em relação ao ambiente urbano.

Para Scopinho (2017) desde o Brasil colônia o meio rural se configura como uma base de sustentação econômica para o país, o que pôde ser verificado nos últimos anos na história nacional, com o aumento das exportações de produtos agrícolas. Ainda segundo a autora, o ambiente rural tem sido espaço privilegiado para

as transformações econômicas e sociais, pois é onde acontece tanto as grandes expansões agroindustriais e a intensificação e valorização da agricultura familiar quanto o acirramento da luta de demarcação de território pela reforma agrária. Tamanho impulsionamento é derivado do ingresso de novas tecnologias capazes de aumentar a produção, diminuir o tempo de produção e conseqüentemente, reduzir o tamanho da força de trabalho humana. Tais mudanças forçaram a reorganização na vida no campo gerando conseqüências para o modo de vida e significação da realidade a volta destes trabalhadores e moradores da zona rural.

São definidos como trabalhadores rurais, levando em consideração o direito de aposentadoria, toda pessoa física, que possua imóvel rural ou não, mas que exerça atividade agropecuária (NISHIDA et al., 2022). Assim, trabalhadores rurais são aqueles que oferecem mão de obra acompanhando os ciclos produtivos no meio rural.

De acordo com Chiodi et al., (2018), existem diversas variáveis que podem explicar como se apresenta as numerosas novas formas de ruralidades, porém, a maior variável é a gravidade das questões ambientais, o que pode ser compreendida de diferentes percepções. Para os autores, uma dessas visões que precisa ser ressaltada é a emergência de uma representação social que aproxima o rural à natureza, fazendo com que pessoas urbanas sejam atraídas ao espaço rural, o que leva a preocupações com políticas de preservação e sustentabilidade dos recursos naturais.

Apesar das poucas possibilidades oferecidas no meio rural, em relação ao trabalho e estudo, permanecer na zona rural não é sinônimo de fracasso, as áreas rurais também podem oferecer possibilidades de desenvolvimento econômico satisfatórios para seus habitantes. Porém, para Troian e Breitenbach (2018), há muitas dificuldades para os jovens rurais encontrarem possibilidades para se desenvolver dentro do campo, pois a falta de modelos de trabalho da agricultura familiar e a própria falta de assentamentos da reforma agrária aumentam a pobreza e a falta de renda faz com a população rural migre para as áreas urbanas.

De acordo com Wanderley (2009), desde anos 1950, vem sendo criado no Brasil um projeto de sociedade com a finalidade de modificar o setor agropecuário do país. Ainda de acordo com a autora, para transformar a esfera agropecuária seria necessário investimento no setor agrícola, transformar as tecnologias dos processos de produção e ainda se integrar ao setor agroindustrial, tudo isso faria com que o Brasil tivesse certa adequação tanto no mercado brasileiro como também responderia

às demandas externas. Para ela, houve polarização política em relação a finalidade de mudanças no setor agropecuário, de um lado, os que pregavam uma reforma que transformasse em profundidade a arquitetura fundiária, e do outro, os que requisitavam o apoio do Estado para alterar as tecnológicas da grande propriedade, sem que tal alteração afetasse a concentração da propriedade da terra que continua sendo pioneira social no que diferencia os que serão capazes de oferecer desenvolvimento para o país. A autora afirma, que essa concentração velada pela dinâmica da agroindústria e do agronegócio tem certa nocividade social, tendo em vista que encoberta a reponsabilidade social por suas criações e expansões de artefatos sistemáticos como o mal uso dos recursos naturais e a reprodução de relações de trabalho rural compulsória, que contribuem para a vulnerabilidade social.

Devido a essas dificuldades o espaço rural recebe o estigma de atraso e os conhecimentos, informações e comportamentos em gerais são subestimados. É necessário ressignificar esse espaço, como um lugar de potencial, apesar da falta de oportunidade, há possibilidade de desenvolvimento, principalmente através da educação, para assim não colocar o espaço urbano como detentor de saberes e potencialidades de futuro promissor. Monteiro e Mujica (2022) traçam a discussão entre o que é do rural e urbano, trouxe compreensões da sociologia com o intuito de desmistificar alguns conceitos do senso comum sobre a zona rural, que a associa o rural a termos que subestimam e menosprezam, como atrasado e rude, resultantes da hegemonia urbana.

Neste sentido, Brandão, Barbosa e Bergamasco (2023) destacam a importância socioeconômica da agricultura familiar, sobretudo na região do Nordeste brasileiro. Segundo os autores, no ano de 2008, 48,8% da população no Nordeste vivia abaixo da linha da pobreza, contra menos de um terço da população brasileira. O semiárido nordestino, por exemplo, apresenta uma área de 980.133,07km², onde residem 12% da população brasileira e 43% da população nordestina.

É certo que as dificuldades oferecidas pelo território rural, sobretudo os localizados no semiárido nordestino tornam a trajetória do jovem um tanto mais complexo, porém, a ideia de sucessão, principalmente, a figura masculina, de certo modo, também acaba ancorando o jovem no ambiente rural como forma de continuidade dos descendentes. Monteiro e Mujica (2022) destacam que os jovens rurais refletem diretamente o processo de sucessão rural. Ainda de acordo com os autores, essa questão se trata de um processo de passagem de bens materiais e

imateriais em que todas as atividades econômicas são mantenedoras de todo um sistema de reprodução, e de condução da propriedade e toda produção. Para os autores, nesse processo de sucessão a educação também entra como ponto importante, no sentido de desvalorização do trabalho rural. Nesse caso, seria uma sucessão no sentido de sustentação familiar, porém os recursos não seriam advindos do trabalho rural, mas dos frutos da educação e de um trabalho urbanizado.

Diversas áreas do conhecimento têm adentrado o meio rural para buscar compreender as vivências das pessoas no campo. As ciências humanas e sociais e tem buscado entender particularidades ligadas a saúde do trabalhador, sobre a saúde reprodutiva das mulheres, violência doméstica, trabalho infantil, desenvolvimento educacional, vulnerabilidade social entre outros temas.

De acordo com Bezerra e Silva (2018), a geografia também elege o rural como espaço de debate. Para os autores, o processo de metropolização gera mudanças no território e transparece um debate rico para a geografia pelo interesse em estudar a relação campo-cidade. Para os autores, já há uma aceitação de que as cidades são constituídas a partir de uma base rural o que não permite estudar urbano e rural separadamente. Sendo assim, apesar da dicotomia urbano-rural compreende-se a importância do rural para beneficiar o urbano, é uma troca recíproca entre o urbano e o rural.

Para Scopinho (2017), no Brasil nas últimas décadas vem aumentando os estudos acadêmicos sobre ruralidade e o motivo seria a necessidade de entender e saber lidar com os efeitos das modificações que aproximam ainda mais o mundo urbano que engloba áreas do conhecimento como as ciências agrárias, ciências sociais como a sociologia, antropologia e a economia. Para a autora, a psicologia também avançou nessa linha de estudo, porém, ainda são tímidos os estudos sobre o rural, acreditando que a compreensão sobre os sujeitos que trabalham em contextos rurais é bem complexa e por isso exige a construção conceitual de outras áreas além da sociologia, antropologia e economia.

Com o cuidado de trabalhar o rural com suas particularidades diferentes do urbano, as diversas engenharias como de produção, a agrícola, a alimentar e a ambiental, a economia rural, a própria psicologia a geografia entre outras áreas podem fazer parte da arquitetura de construção de saberes na contribuição para compreender o rural.

1.2 Educação superior no Brasil e estudantes universitários

Com a ampliação de vagas, a interiorização das Universidades Públicas e as políticas de assistência estudantil, a educação superior no Brasil veio tomando um rumo de constante processo de evolução, concomitantemente, possibilitando o ingresso de estudantes de variadas classes socioeconômica. O que antes era acessível somente a burguesia, vem se modificando e permeando as classes mais desfavorecidas.

Segundo Vinhais (2013), a partir de 1998 iniciou-se o movimento de expansão do ensino superior no Brasil. Para o autor, essa expansão se deu em três fases. A primeira datada de 1998 a 2002 foram ampliadas as vagas nas instituições de ensino superior que já existiam. Na segunda fase, que compreende os anos de 2003 a 2006, ampliou-se a oferta de cursos e de vagas a partir da interiorização das instituições federais de ensino superior, como também se consolidou as instituições já existentes. E a terceira e última fase, corresponde aos anos de 2007 a 2012, ampliou-se ainda mais a expansão das instituições de educação superior instituindo o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI.

De acordo com Casqueiro et. al (2020), entre 2003 e 2010, observou-se um aumento de Universidades Federais subindo de 45 para 59 universidades que representa um aumento de 31%. Ainda de acordo com os autores teve aumento também dos *campi* que saiu de 148 *campi*/unidades para 274, que significa dizer que teve crescimento de 85% e conseqüentemente aumentaram os números de matrículas, sendo o nordeste o primeiro em percentual de crescimento com 94%, seguido do Norte com 76%.

A interiorização das instituições de ensino superior acabou gerando um efeito de cadeia de crescimento nos municípios e arredores que são instaladas, pois, com a chegada de estudantes e funcionários, muitos inclusive para se instalar na cidade, cresce a demanda de diversos setores, dentro da perspectiva econômica podem gerar renda aos serviços de hotelaria, aluguéis de imóveis, comércios alimentícios entre outros gêneros.

Em conjunto com as demais estratégias para reduzir a assimetria socioeconômica na educação superior, pensando no sucateamento da educação básica pública, principalmente nas áreas rurais, a forma de acessar a universidade via Sistema de Seleção Unificada - SiSU, também se constituiu em uma estratégia

que permitiu ao estudante se preparar somente para um processo seletivo, não precisando se deslocar para fazer vestibulares isolados para cada instituição, como também possibilita a visualização do curso e a universidade que cabe a sua nota, podendo escolher duas opções de curso e instituição.

Em seu estudo sobre os impactos gerados pelas políticas de acesso ao ensino superior e a redução da desigualdade no perfil dos médicos no Brasil, Figueredo, Lima, Massuda e Azevedo (2022), concluem que a Lei de cotas, o Programa Universidade para Todos - PROUNI e o Fundo de Financiamento Estudantil - FIES, associa-se diretamente com a ampliação das diversidades raciais e sociais, como também permite o acesso ao curso de medicina às pessoas de municípios pequenos com menos de 20 mil habitantes.

Dessa forma, observa-se que as políticas de assistência estudantil juntamente com todas as políticas governamentais de ampliação do ensino superior tem sido base para a construção de um novo cenário com diferentes classes socioeconômicas do país e conseqüentemente permitindo a criação de projetos de vida robustos, principalmente, de pessoas desfavorecidas economicamente. Mas apesar dos avanços e todas as estratégias munidas de esforços conjuntos para levar a diversidade de estudantes às universidades, ainda se percebe uma sub-representação de estudantes socioeconomicamente vulneráveis ocupando cursos hegemonicamente elitistas.

De acordo com o artigo 205 da Constituição Federal (1988), a educação é um direito de todas as pessoas e deve ser garantida pelo Estado e o ensino deve ser ministrado com base nos seguintes princípios: igualdade; liberdade de aprender; pluralismo de ideias; gratuidade do ensino; valorização dos professores; gestão democrática do ensino público; garantia de padrão de qualidade; piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública; e garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida.

Sendo assim, a educação pública e de qualidade é direito de acesso a todas as pessoas em qualquer fase da vida. Porém, sabe-se que nem sempre o dever do Estado de assegurar o direito à educação se faz cumprir como é constituído por lei. Assim, a falta de acesso à educação, a evasão educacional, e a dificuldade de mobilidade de chegar à universidade ainda se faz presente na realidade de muitas pessoas.

A aderência a universidade tem sido reflexo da democratização do ensino superior no Brasil. E essa democratização atinge fortemente o ensino superior federal, contudo, a expansão do ensino superior no Brasil tem tido uma forte privatização, gradativamente e a oferta de cursos nas instituições privadas tem aumentado, seja na modalidade de universidade, faculdade ou centro universitário, conseguindo angariar estudantes, principalmente, por muitas ofertarem a possibilidade do Ensino à Distância (EAD), e ainda através do FIES que o governo financia e o estudante paga quando entra no mercado de trabalho e do PROUNI que permite a conversão dos impostos que seriam pagos pelas instituições de ensino superior de caráter privado, em vagas para alunos de baixa renda.

1.3 A Teoria das Representações Sociais – TRS

A Teoria das Representações Sociais – TRS estruturada por Sèrge Moscovici “é compreendida a partir do processo de compartilhamento de conhecimento construído no imaginário de um grupo. Há diversas elaborações de conceitos e definições para compreender as representações sociais”. (SILVA, 2011, p. 25). Devido a densidade do material teórico epistemológico produzido acerca da TRS (MOSCOVICI, 1978; JODELET, 1989; DOISE, 1990, 1993; VALA, 1993; ABRIC, 1994; SÁ, 1996), é possível inferir que ela já se encontra sedimentada, constituindo-se assim em uma importante ferramenta teórico-metodológica àqueles que se interessam pela psicologia social e pela construção de significados.

Apesar do conceito de representações sociais ter nascido através de Moscovici, não foi este o primeiro a propor a ideia de representações no sentido de coletividade. Durkheim (1978) já utilizava o conceito de “representação coletiva” empregado para a compreensão das interações sociais cotidianas a partir de uma ótica sociológica. A Teoria das Representações Sociais teve seu início como uma espécie de ruptura com a psicologia social tradicional daquele momento, onde se pensava a partir de um olhar centralizado no “indivíduo” separado do social.

As representações sociais quebram esse paradigma colocando o sujeito não como individual, mas com um senso coletivo/social. “Durkheim focava a análise mais no caráter coletivo do que em suas características cognitivas, o que, aliás, é compreensível, devido aos desafios acadêmicos da sociologia da época (LAHLOU, 2014, p.95).

Corroborando com essa afirmação de Lahlou (2014), Silva (2011) assegura que Durkheim (1978) foi o precursor da ideia de representação coletiva, situando a perspectiva de um pensar social sobre o pensar individual. Para Silva (2011), Moscovici complementou o conceito de representação coletiva afirmando que a representação coletiva não significa somar as representações individuais para formar uma sociedade e ainda criticou Durkheim por não esclarecer nem tocar no assunto sobre os diversos modos que se organiza o pensamento social.

De acordo com Jodelet (2001), Moscovici renovou o conceito de representações já proposto por Durkheim, mas essa renovação não partiu somente para um direcionamento crítico de uma visão construtiva dando à psicologia social subsídios e aparato teórico para que consentissem conhecimentos suficientes sobre as questões exigidas pela vida social (HEIDER, 1958, apud JODELET, 2001), Moscovici com sua obra *La psychanalyse, son image et son public* (1961) contribuiu com uma psicossociologia que até então era inexistente, ao lado de uma sociologia próspera e também de um conhecimento do senso comum que estava começando a brotar.

As representações sociais são construídas a partir das interações sociais, ou seja, a partir da comunicação entre as pessoas de um grupo social. Para Jodelet (1989), as razões pelas quais Moscovici insistiu em falar do papel social da comunicação são primeiramente, porque a comunicação é um objeto da psicologia social e contribui para a abordagem cognitiva dos fenômenos das representações sociais. Em segundo lugar, a comunicação tem papel essencial nas interações sociais e nessa perspectiva ela contribui para a instauração de um universo consensual. Por fim, Moscovici (1978) sujeita a comunicação aos fenômenos de influência e de pertencimento que são cruciais para elaborar os sistemas intelectuais.

Para Palmonari e Cerrato (2014), a ideia de representação social nasce com o objetivo de explicar o que integra as pessoas a um grupo ou a uma sociedade e o que faz com que eles atuem em conjunto e para permanecerem juntos criam instituições, seguem regras e compartilham representações dentro do grupo. Ainda de acordo com os autores nenhuma outra força é tão mantenedora da união de um grupo quanto o fenômeno das representações sociais.

Por seu turno, Chaves e Silva (2013, p.413) informam que “a Teoria das Representações Sociais se trata de uma perspectiva psicológica que atua no processo de elaboração do pensamento social. Essas representações podem apresentar um

conjunto de conhecimento que se manifestam de várias formas, como imagens, opiniões, conceitos entre outras. Sendo assim, as representações sociais são os conhecimentos construídos a partir das relações sociais em consenso coletivo de um povo.

Porém, como afirma Jodelet (2001), existem representações sociais que não são necessariamente criadas dentro daquele grupo que passa a fazer uso delas, elas chegam já prontas, são àquelas representações de ideologias dominantes, àquelas já previamente definidas numa organização social, mas mesmo que aquele grupo não tenha participado diretamente da construção dessa representação, ainda assim, considera que tal representação caracteriza suas especificidades, pode sim tomar posse dessa representação e compartilhar dentro do grupo.

Segundo Chaves e Silva (2013), identificar as representações sociais é crucial para compreender como se configuram as relações sociais e entender como se organizam as práticas sociais. E essas práticas estão imbrincadas em cada sujeito que compõe a rede das relações sociais, o que possibilita que esses sujeitos compreendam a si mesmo e ao mundo. A identificação e compreensão da construção das representações sociais é importante para o grupo que vivencia e para o pesquisador, para que entenda melhor seu objeto de estudo e delimite seus dados para uma análise mais coerente com a realidade vivenciada pelo grupo pesquisado.

De acordo com Abric (1998), existem quatro funções essenciais nas representações sociais: a) a função de conhecimento, que está relacionada a capacidade das pessoas compreenderem e explicarem suas vivências através das representações sociais o que, através da comunicação, facilita a difusão dos saberes práticos; b) a função identitária, que é aquela que demarca as particularidades dos grupos; c) a função de orientação, que funciona como direcionadora dos comportamentos e práticas sociais e por fim; d) a função justificadora, responsável por apresentar justificativas às ações e comportamentos já executados anteriormente em relações a outros grupos. Assim, compreende-se como as representações sociais regem as condutas de um grupo e como, a partir das funções, torna-se de certa forma palpável a aplicabilidade das representações sociais dentro de um grupo social.

Partindo da perspectiva de representação social como organizadora das condutas, Jodelet (1993) afirma que as representações sociais, geralmente, são reconhecidas como uma série de interpretações que possuem dominância no que concerne a nossa ligação com o mundo e com outras pessoas, funcionando de modo

a sistematizar as condutas sociais. De acordo com a autora, as representações sociais também estão vinculadas em diversos processos do desenvolvimento e transformações dos grupos, tanto de forma individual quanto coletiva.

Os grupos sociais podem se posicionar, perceberem-se e justificarem-se através da existencia das representações sociais. Isto implica em dizer que os comportamentos apresentados em grupo, como as crenças podem estar justificadas dentro do que foi construído coletivamente como uma representação social dentro daquele grupo. Estas representações sociais podem atuarem tanto como um processo que vai se contruindo, como um pensamento social, por exemplo. Como também, como um produto já finalizado que é somente reproduzido. Ainda de acordo com Chaves e Silva (2013), Moscovici optou por estudar as representações sociais como processo em construção e não como produto já construído.

Ao tomar por base os fenomenos cognitivos associa as particularidades sociais e individuais dos sujeitos, Jodelet (2001) considera que o pertencimento social, as práticas sociais e todos os modos de condutas, pensamentos e comporatamente, constituem-se em requisitos para compreensão das representações sociais, vista ao mesmo tempo como produto e processo.

Abric (1998) descreve as representações a partir da organização de seus conteúdos. O autor defende que as representações sociais se organizam em conteúdos centrais e periféricos. Os conteúdos centrais estariam posicionados como uma espécie de núcleo das representações sociais com função geradora e organizadora de conteúdos como as normas e valores por exemplo, e esse seria o ponto mais estável de uma representação social, enquanto os periféricos são os componentes que estão à margem do núcleo.

De acordo com Chaves e Silva (2013), os segmentos dos conteúdos periféricos são mais acessíveis e consistentes, dependem do contexto e conseguem efetivarem a ancoragem de uma representação na realidade daquele contexto e ainda possibilita a estruturação da representação de forma mais acessível a compreensão. Segundo os autores, os subsídios periféricos são mais flexíveis em relação aos conteúdos do núcleo e admite que novas experiencias sejam agregadas, sejam elas grupais ou individuais.

Ainda de acordo com Abric (1998), a função de concretização está ligada com o processo de ancoragem encontrado nas representações sociais, os elementos periféricos são resultantes do processo de ancoragem e dependem do contexto, à

medida que o contexto evolui, mais informações e mais elementos são integrados. É desse movimento processual que se constrói os conhecimentos.

Para Chaves e Silva (2013), as representações sociais se formam no limite entre psicológico e social elas transitam entre o abstrato e os elementos sociais como as crenças, valores e todos os processos de compartilhamentos sociais, e essa conexão se estabelece graças aos processos de ancoragem e objetificação. Para os autores, a ancoragem é o processo de identificação dos objetos que não são familiarizados, porém, com uma referência previa de conhecimento do objeto.

Corroborando com os autores Trindade et al., (2014), afirmam que ancoragem se refere a incorporação e captação de novos elementos de objetos que já há uma categoria familiarizada anteriormente e que estão memorizadas, com isso a ancoragem permite que o sujeito faça alguns ajustes, inclua e classifique o objeto da representação em seu contexto, passando a fazer parte da categoria que já era familiarizada previamente. A objetificação de acordo com Trindade et al., (2014), transforma os conceitos abstratos em imagens de uma coisa mais palpável e concreta, ajustando e associando o conceito do seu lugar original para dentro do contexto do seu grupo, tornando assim os conceitos significativos.

Segundo Chaves e Silva (2013), a Teoria das Representações Sociais tem estado presente em diversos estudos dentro de diferentes campos do conhecimento, tais como a saúde, educação, meio ambiente, por exemplo. Dessa forma, as representações sociais têm sido fenômeno corriqueiro nos objetos de pesquisa das variadas ciências, principalmente das ciências sociais e da saúde. Dentro da psicologia a abordagem que dedica parte da sua centralidade para a teoria das representações sociais é a psicologia social bem como a psicanálise com visões semelhantes as experiências de senso comum.

Tomando por base a literatura Moscoviana, observa-se que Moscovici propõe que a partir das representações sociais é possível que os conhecimentos que emergem no cotidiano do senso comum sejam compreendidos pelo meio científico. Desse modo, as representações sociais dizem respeito ao saber popular/senso comum ao pensamento construído coletivamente a partir das relações sociais, onde os sujeitos participam ativamente dessa construção subjetiva de significados tornando-se familiar e “palpável” para a ciência a partir do movimento de ancoragem e objetificação respectivamente.

Em síntese, quando as pessoas se deparam com questões cotidianas constroem suas representações sociais de forma coletiva e apropriam-se e reproduzem esse saber elaborado naquele grupo. Assim, as representações sociais estão difundidas dentro do grupo social. Dessa forma, enfatizamos no nosso estudo as representações sociais que estão cristalizadas e permeiam o imaginário dos estudantes universitários advindos do meio rural. Para tanto, direcionamos a nossa discussão para o que concerne as questões ligadas aos aspectos da educação e dos estudantes universitários que compreende o núcleo da nossa pesquisa.

2. JUSTIFICATIVA

A experiência do trabalho rural perpassa a compreensão e significação daqueles que habitam o espaço rural e dali tiram o seu sustento, sendo definidor de experiências identitárias e de experiências de mundo. A ampliação de vagas no ensino superior, sobretudo em regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos, aliado às políticas de cotas e investimentos em pesquisa, fruto das políticas públicas no início do século 21, como é o caso do sertão nordestino, geraram impactos sociais e econômicos na vida das comunidades rurais, afetando diretamente os jovens, ampliando o leque de oportunidades, expectativas e projetos de vida.

Desse modo, apreender como os jovens universitários, filhos de trabalhadores rurais representam o trabalho rural interfere e determinam suas tomadas de posição parece ser necessário para a compreensão e avaliação das políticas públicas implantadas a quase 20 anos no sertão do São Francisco.

3. Objetivos:

Investigar as representações sociais do trabalho rural para estudantes universitários filhos de trabalhadores rurais.

3.1 Objetivos específicos

- Compreender o significado de projeto de futuro para estudantes universitários filhos de trabalhadores rurais;

- Compreender o significado de trabalho rural para estudantes universitários filhos de trabalhadores rurais durante os estudos no ensino superior.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para atender aos objetivos desse estudo fez-se um percurso metodológico baseado nas representações sociais. As representações situam-se na interface do psicológico e do social, interessando a todas as ciências humanas, não afastando, inclusive, a relação destas com a ideologia, os sistemas simbólicos e as atitudes sociais, como bem colocam Jodelet (2001) e Sá (1998), sendo, por esta razão um processo necessariamente interdisciplinar e plurimetodológico.

Nesse intervalo, destaque-se que a literatura informa uma estreita relação entre projeto de vida e representações sociais, na medida em que se reconhece a importância das representações na dinâmica como prescritoras de crenças e comportamentos sociais, bem como na exposição, aceitação e utilização das representações na elaboração da vida social (BONOMO et al., 2008, CIAMPA, 2004). Isto posto, tendo em vista este caráter plurimetodológico das pesquisas em Representações Sociais, os métodos e técnicas selecionados para cada estudo serão isoladamente expostos, nos subitens seguintes, estando todos eles relacionados diretamente com os objetivos delineados para o estudo.

Fizeram parte da amostra 16 participantes, estudantes universitários, filhos de trabalhadores rurais. A amostra foi composta por seis estudantes do sexo masculino e dez do sexo feminino. Os participantes foram identificados a partir do contato prévio de modo virtual. Os participantes foram abordados a partir da técnica bola de neve, em que um participante pode indicar um ou demais novos participantes aptos a participar da pesquisa. O primeiro participante foi identificado e abordado através da indicação de professores que tinham contato prévio com o estudante e conhecimento da pesquisa. A Tabela 1 apresenta os dados sociodemográficos dos participantes em que os nomes apresentados foram substituídos a fim de garantir o anonimato deles.

Tabela 1 - Descrição dados sociodemográficos dos participantes

Participante	Idade	Sexo	Número de habitantes residência rural	Renda média familiar em salários mínimos
1 –Paula	28	Feminino	2	1,5
2- Luciana	24	Feminino	4	1

3- Pedro	23	Masculino	3	1
4 – Paulo	21	Masculino	4	1
5- Mariana	29	Feminino	3	2
6 - Carolina	20	Feminino	5	3
7 – Júlia	22	Feminino	6	1,5
8 – Eduardo	19	Masculino	5	1
9 – Tarciana	21	Feminino	3	1,5
10 - Rafael	21	Masculino	2	1
11 – Rodrigo	21	Masculino	4	2
12 - Ingrid	17	Feminino	4	2
13 – Barbara	26	Feminino	4	1
14 – Sabrine	24	Feminino	4	1
15 - Mirela	23	Feminino	4	1
16 – Gustavo	31	Masculino	3	2

Para a coleta dos dados foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado, versando sobre a temática do projeto de futuro e trabalho rural. O instrumento foi composto de itens com elementos sociodemográficos e questões abertas sobre projeto de vida e trabalho rural. Como posto na literatura (Sá, 1998), o instrumento se dirige a possibilitar que respondente narre suas experiências pessoais, concretas, avançando para questões mais abstratas e julgamentos. Para a coleta propriamente destes dados, foi utilizado um celular e um notebook.

As entrevistas foram realizadas de forma virtual pela plataforma de reuniões online *meet*, sendo que dois dos participantes tiveram dificuldades para acessar a plataforma e solicitaram videochamada pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp*. Todas as entrevistas foram devidamente gravadas com o consentimento prévio dos participantes em horário pré-agendado, após a assinatura do TCLE e prestados esclarecimentos de dúvidas quanto ao procedimento iniciou-se entrevista.

Finalizado o processo de coleta, as entrevistas foram transcritas na íntegra, e em seguida as entrevistas foram tratadas com base na análise do conteúdo de Bardin (1977). Inicialmente fizemos a: 1) pré-análise que se constitui na organização do texto para a sistematização do corpus e leitura flutuante; 2) a exploração do material, que

se trata da construção da codificação e classificação do material colhido para a categorização; 3) o tratamento dos resultados para a inferência e a interpretação.

Após esse delineamento de como ocorreu o desenvolvimento metodológico da pesquisa, nos debruçaremos na apresentação dos resultados e as considerações pertinentes que se referem aos dados coletados nas entrevistas semiestruturadas com os estudantes universitários participantes da pesquisa. Todos os resultados que serão apresentados aqui serão sustentados em um referencial teórico que parte das Representações Sociais, principalmente, de Moscovici (1978) e Jodelet (1984, 1989).

Para seguir as categorizações necessárias da análise de conteúdo descrita por Bardin (1977), dividimos a pesquisa em dois eixos, conforme os objetivos do estudo, a saber: Eixo I – Eixo I – Rememorando as vivências e os projetos de futuro idealizados pelos estudantes universitários, e, Eixo II – Significados de Trabalho Rural para estudantes universitários, conforme apresentado na Tabela 2

Tabela 2 – Categorias resultantes da análise de conteúdo

Eixo	Categoria
Eixo I – Rememorando as vivências e os projetos de futuro idealizados pelos estudantes universitários	Infância na zona rural
	Adolescência na zona rural
Eixo II – Significados de Trabalho Rural para estudantes universitários	Sentidos de universidade
	Ensino superior como elemento de mudança de vida
	Formação acadêmica e perspectivas de futuro
	O ensino superior e os impactos na vida dos estudantes
	Vida após a graduação

Cada Eixo foi separado por um marco temporal que corresponde as representações sociais do passado, que indica a infância e adolescência (Eixo I); presente, que condiz com a vida universitária; e futuro, que é referente as perspectivas de futuro após o término da graduação (Eixo II). A seguir serão apresentados os resultados alusivos ao Eixo I – Projeto de futuro para estudantes universitários organizados por categorias, infância na zona rural e adolescência na zona rural.

4.1 Infância na zona rural

Nessa primeira categoria do Eixo I foram classificadas as ideias e sentidos da infância bem como o processo de estudo nesse período. Ao analisarmos as entrevistas percebemos que a maioria dos participantes quando perguntado como foi a sua infância na zona rural, caracterizam com o que chamamos aqui de ‘infância positiva’, descrevem como uma “infância boa”, mas ao decorrer da fala aparecem pontos negativos que são significativos para se pensar as dificuldades enfrentadas por esses jovens rurais. Nos trechos seguintes, temos relatos de participantes mulheres que respondem que a infância foi positiva, porém, não dissertam sobre o lado bom, mas, contradizem manifestando traços dolorosos da infância.

Foi boa. Foi assim, em parte foi traumática, porque eu fui crescendo e sofria bullying, porque na zona rural, tem sempre aquela escola que tem quinto ano, então, o meu convívio com as outras crianças não eram tão bons, por causa dessa questão do bullying e tal e também por questões raciais, enfim, foi um pouco traumático nessa parte. Mas em questão assim, foi boa e não tinha celular nem nada, era brincadeira em tudo (Ingrid, 17 anos).

A minha infância, então, assim, feliz, mas sempre faltava alguma coisa, por exemplo, que aqui pra poder ter alguma... pra construir a casa dos meus pais que é casa que eu tô hoje, meu pai teve que ir pra fora pra trabalhar, depois retornava e passava um mês, um ano lá, então foi até os meus quinze anos assim (Sabrine, 24 anos).

Outros participantes nomeiam as dificuldades em morar em um lugar mais afastado para nomear a infância negativa. A seguir são apresentados os relatos dos participantes Luciana e Pedro.

Poxa. A minha infância foi numa região bastante isolada (...) bastante isolada realmente, a comunidade tinha poucas casas, ainda tem poucas casas a comunidade. E minha mãe é agricultora, quando ela ia plantar eu ia com ela, porque ela ia trabalhar, eu ia com ela, eu tava lá, era chuva, era sol, eu tava lá com ela (Luciana, 24 anos).

E a minha infância eu recordo muito de eu ir pra escola, meus pais estavam pra roça e quando eu chegava meio-dia eles estavam lá, né? É complicado, eu me recordo

até hoje da dificuldade por exemplo de alimentação, não era fácil, principalmente até 2010, eu recordo que era muito difícil ter frango, por exemplo lá em casa, era só salsicha essas coisas, e aí depois de 2010 pra cá melhorou bastante, né? Então até 2014 quando eu tava lá cem por cento, estudava lá, era complicado (Pedro, 23 anos).

Apesar dos participantes não revelarem atividades laborais na infância, sabe-se que nesses ambientes é comum que os jovens entrem no trabalho rural muito cedo, muitos ainda no início da adolescência, mesmo que não seja de fato para a obrigação de trabalhar, cumprem a tarefa de acompanhar os pais nos afazeres do campo e acabam desenvolvendo alguma tarefa.

De acordo com Troian e Breitenbach (2018), os jovens habitantes das zonas rurais iniciam suas atividades laborais bem antes dos jovens que residem nas áreas urbanas. Para os autores, essa antecipação do trabalho dos jovens rurais repercute diretamente nas questões educacionais, pois há níveis de evasão e repetência escolar muito mais elevados em relação ao jovem urbano.

Em relação a essa descompensação escolar para a juventude rural, poderia se pensar em políticas públicas que assegurassem as demandas desses jovens. Porém, de acordo com Scopinho (2017), não existem políticas públicas relacionadas ao crédito de fomento a produção rural, pois, por mais que o processo produtivo rural tenha tecnologias de pontas, depende de condições climáticas. Sendo assim, se torna ainda mais complexa a configuração do meio rural, já que, o que se tem são previsões de como o clima deve se comportar.

Alguns participantes descrevem uma infância longe de qualquer dificuldade com uma perspectiva de zona rural como um espaço de liberdade. Tal liberdade se estende tanto na ideia de maior espaço para brincar, como também em relação a liberdade de criar seus próprios brinquedos, de compreender que zona rural quase sempre é um lugar pacato, e o brincar fora de casa torna-se mais seguro.

A tranquilidade trazida pela natureza também é algo apontado pelos participantes como importante para sua felicidade no ambiente rural. O brincar é onipresente na infância dos participantes, e mais uma vez não se observa comportamentos discrepantes entre participantes homens e mulheres. Seguimos com narrativas de três participantes, sendo um do sexo masculino e duas do sexo masculino, nesta ordem.

Minha infância foi, uma infância onde eu brinquei muito com brinquedos que eu mesmo construía, assim, então a gente fazia umas... eu tinha acesso a brinquedos comprados,

até uma fase da infância os brinquedos que eu tinha eu mesmo fiz, uns eu fazia com madeira, fazia algumas coisas, tinha um facão que eu gostava muito, brincava muito com ele (Pedro, 23 anos)

Minha infância foi boa, tranquila. Aqui onde a gente mora é bem legal, então, foi bem tranquila minha infância. É uma infância feliz, né? porque como era zona rural, né? é mais... é melhor pra brincar, pra correr e tudo, do que pessoas que vivem na cidade (Carolina, 20 anos)

Foi uma infância bem tranquila. É, porque até os seis anos eu não ia pra escola, então basicamente eu brincava, e como na zona rural é um espaço bem tranquilo, não tem geralmente muitos perigos. Então a minha infância era basicamente brincando mesmo nos terreiros, no mato, eu gostava muito de brincar de casinha, aí eu brincava com minha irmã, que eu tenho uma irmã que é mais ou menos da minha idade e a gente brincava muito junta no terreiro de amarelinha, tudo muito tranquilo com as galinhas que teve um tempo que meus pais tinham. (Júlia, 22 anos).

Dessa forma, observamos que as dificuldades como o não acesso a brinquedos comprados dá espaço a criatividade e a ludicidade a objetos cotidianos acessíveis na zona rural. Outro ponto percebido na análise, é que por mais que os participantes apontem diversas dificuldades e até mesmo acompanhar os pais no trabalho rural, não há relato de comportamentos abusivos exploradores como o trabalho infantil, por exemplo.

4.2 Adolescência na zona rural

Para se entender a adolescência em meio rural é preciso considerar a sua diversidade, uma vez que por conta da sua diversidade cultural e territorial o Brasil apresenta vários tipos de ruralidades e conseqüentemente uma diversidade de experiências em ser jovem em contexto rural. (MONTEIRO; MUJICA, 2022). Os costumes culturais, o tipo de produção agrícola, o clima, e toda geografia do ambiente rural pode influenciar no modo como a juventude rural se configura dentro das atividades laborais, educacionais e os demais comportamentos socioculturais.

A partir dos resultados apresentados foi possível perceber que quando se trata da adolescência há certo distanciamento do que chamamos aqui de “adolescência positiva”. Nessa fase averiguamos que há uma presença de identidade que atua na contramão do que era positivo na infância como mesmo nomeiam os participantes, eles “não tinham consciência” da realidade restrita imposta pelo espaço rural. Na narrativa a seguir, é possível perceber que a participante Luciana de 24 anos, em seu período da infância, mesmo sendo difícil como ela relatou anteriormente, não tinha a

dimensão do quanto aquilo era uma situação de vulnerabilidade social intensa para uma criança.

Não dizendo que eu tinha, como é, mais noção, no sentido pejorativo, mas assim, eu não tinha consciência do estado que eu estava, que eu estava num espaço isolado. É, eu nem tinha noção de questão de possibilidade, parecia que eu tava vivendo uma vida, digo “meu Deus como era ruim”, até porque eu só ia pra escola e voltava, eu só tinha isso mesmo, minha casa e a escola, ou seja, as experiências que eu tive foi em casa e na escola (Luciana, 24 anos).

Sendo assim, esse senso coletivo da zona rural como espaço restrito é uma representação social criada a partir das vivências e experiências dessa população e apresentada também de forma empírica através das consequências experimentadas constantemente no processo educacional, seja simplesmente para chegar à universidade de uma forma física palpável, ou chegar à universidade sendo fruto de um processo de experiências de vida limitada e vivências educacionais defasadas.

Ao considerarem a adolescência como um marco de expansão da visão para o mundo, os participantes começam a apresentar inquietação essenciais para despertar uma perspectiva de futuro distante daquele mundo privativo. Por conseguinte, o rompimento desse horizonte causa desconforto e pensamentos dúbios em relação a sua realidade e sua imaginação que ultrapassa os “terreiros” dos seus lares. É perceptível que existe um certo pesar no que constitui a narração, associado a isto está na lamentação conflituosa com o passado.

Essa consciência vem acompanhada do olhar em relação aos pais gerando um paradoxo, por um lado querer ajudá-los na mão de obra da roça e não conseguir ir para a escola, conseqüentemente perdurar a herança do sofrimento, e por outro, ir para a escola e a longo prazo conseguir ajudá-los oferecendo uma qualidade de vida mais estável. Esse antagonismo fica explícito neste relato:

É um pouquinho mais complicado, porque você vai caindo na real, você vai vendo aquilo que você não via na sua infância, você vai vendo as dificuldades dos seus pais, têm momentos que você vai pra escola, mas você fica triste porque você vê seus pais naquela situação, é no sol quente, você não pode ajudar eles, porque você fica entre a faca e a parede, né? Porque eles querem que você vá pra escola, mas certas vezes você vai pra escola, mas não consegue prestar atenção na aula, porque você tá pensando, entre aspas, “ah, como é que eles estão? como é que tá lá?” entendeu? (Mirela, 23 anos).

Apesar dos participantes de ambos os sexos demonstrarem memória afetiva, pela infância na zona rural, como iremos perceber mais adiante nas análises das demais dimensões, não deixam de mencionar as dificuldades enfrentadas em

dependem do trabalho na roça sem um retorno satisfatório para terem o mínimo, como segurança alimentar e dignidade social. Assim, o trabalho rural surge em grande parte das falas como somente mantenedor da sobrevivência mínima da família.

Apesar do mundo rural ser o grande potencializador da economia nem todos os moradores da zona rural conseguem produzir quantidades necessárias para obter um capital suficiente para se manter ativo, porém, confortável financeiramente. Dessa forma, as pessoas que não se agregam a essas formas de trabalho, seja em cooperativa ou com os grandes fazendeiros, não conseguem se manter dentro das grandes produções, e essa dificuldade pode estar relacionada com muitas variáveis, como a falta de capital para agregar mão de obra de terceiros, a falta de maquinários, a pouca extensão de terra para o cultivo, localização onde o clima não favorece o plantio entre outros fatores.

De acordo com Nascimento et al., (2022), a política governamental de modernização da agricultura do Brasil das décadas de 1960, 1970 e 1980, que objetivava, principalmente, construir com uma maior variedade de complexos agroindustriais, favoreceu as extensas propriedades como núcleo do modelo agrícola a ser desenvolvido no Brasil. Ainda de acordo com os autores, essa alternativa e estratégia econômica política de modernização da agricultura trouxe algumas consequências desfavoráveis para os produtores familiares, pois, foram retirados do seu raio de cobertura uma grande quantidade de pequenos agricultores, que apesar de juntos formarem uma parcela numerosa, eram desfavorecidos no âmbito rural.

Considerando que todos os participantes advêm das consequências dos impactos socioeconômicos desfavoráveis, compreende-se que essa problemática é fruto de desarticulações de uma ruralidade superior favorável aos grandes produtores que repercute a expansão econômica do país através agronegócio.

Figura 1 – Esquematização dos resultados da fase da adolescência



Devido as implicações resultantes da vulnerabilidade social, na fase da adolescência, as atividades laborais já se tornam presentes, é um momento que se ressalta as responsabilidades e as preocupações. As adversidades para estudar começam a surgir com maior impacto, e assim aparecem aspectos de dificuldades de deslocamento para a zona urbana. O estudo simultaneamente combinado com o trabalho soa extremamente exaustivo para alguns participantes sendo necessário ser resistente para dar conta da sobrecarga que essa dupla jornada oferece. Porém, observa-se aqui que a representação social de homem provedor e detentor de força para o trabalho pesado, aparece de forma clara. Já no caso das mulheres não há relatos de trabalhos exaustivos como narram os participantes homens. Das dez participantes entrevistadas somente duas relataram trabalhar durante a adolescência, e ainda a atividade desenvolvida não se caracteriza como trabalho rural, como pode ser visualizado nos relatos das participantes.

A adolescência foi corrida porque, eu trabalhava um período e estudava o outro, fui bolsista um período e o outro eu trabalhava, eu estudava, né? no caso. Mas a gente vence, né? (Paula, 28 anos).

Na infância eu pensava em estudar e me formar como professora, mas já depois na adolescência eu fui convidada pra fazer um trabalho voluntário na rádio que tem aqui na minha comunidade, aqui tem uma rádio comunitária, aí comecei a comunicar e acabei gostando daquela área (Mariana, 29 anos).

Diferentemente dos relatos das participantes do sexo feminino, os participantes do sexo masculinos, apesar de somente dois dos seis relatarem que trabalharam na adolescência, se percebe a presença do trabalho rural, desenvolvendo atividades de atribuição recorrente ao homem. Não obstante, a educação não funcionava como elemento secundário, mas como consonância com o trabalho, como afirmam os participantes.

E na minha adolescência eu trabalhei muito, meu Deus, eu trabalhei demais, peguei duas secas muito difíceis, três anos de seca na verdade, 12, 13, 14. E aí meu pai queimava mandacaru, meu pai ia a cada dois dias queimar mandacaru e eu ficava, eu estudava à tarde, aí ele queimava de manhã e trazia o mandacaru à tarde e a cada dois dias ele precisava cortar, moer, pra dar, pra misturar com silo, silagem e dar pros animais, e aí o meu trabalho era cortar, moer, que é na siladeira que é tipo uma máquina, ensacar e levar pros animais, isso todos os dias. Então, de manhã eu levava a comida das ovelhas na roça, chegava, mais ou menos em casa umas nove horas, estudava de meio dia às cinco e quando chegava às cinco meus pais estavam trabalhando, isso todos os dias, na minha adolescência além de ter bastante bullying na escola, principalmente 2013, eu me recordo muito desse trabalho que foi absurdo, assim, principalmente em 2013, era muito trabalho, eu conseguia me desenvolver na

escola que eu sempre... nunca tive dificuldade no ensino fundamental, tive mais dificuldade nos primeiros anos do ensino médio e antes de entrar na faculdade, mas no ensino fundamental não” (Pedro, 23 anos).

Foi bem tranquilo, cheio de natureza pra respirar, e trabalho também, na zona rural, então sempre foi uma delícia pra mim. Hoje eu aeréo novos, novos objetivos universitários, mas minha paixão ainda é o meu cerrado, o meu sertão (Paulo, 21 anos).

Apesar de diversos relatos de dificuldades é comum encontrar em algumas falas a vivência de uma adolescência “tranquila”, porém, não se sustenta quando se pergunta como foram os estudos, os participantes logo começam a relatar dificuldades, especialmente, em relação ao deslocamento. E nessa temática, o lamento se estende entre os participantes. A participante Júlia narra com detalhes o processo de deslocamento e as implicações geradas em decorrência da distância.

Da adolescência... da adolescência... da adolescência já era uma época que eu já tava na escola, eu lembro também de muita dificuldade, porque por morar na zona rural e só ter escola de ensino médio na zona urbana, a gente tinha que pegar ônibus todo dia pra ir pra escola, e aí às vezes, sempre tinha problema com os ônibus aí a gente não tinha como ir pra escola, e tipo, na adolescência eu já passei pro ensino médio, era ensino integral, então eu passava o dia todo na escola e aí eu tinha que pegar o ônibus ainda de onde eu morava pra chegar em casa, a gente já chegava em casa muito tarde e chegava muito cansada, sabe? E morrendo de fome, só tinha tido o lanche na escola que era cerca de três horas, a gente já chegava acho que umas sete, umas sete horas em casa e a gente chegava muito cansada por causa desse deslocamento que é muito difícil e ainda tinha dias que a gente não conseguia e eu ficava as vezes observando os meus amigos que estudavam na zona urbana e como era mais simples pra eles, porque eles só se levantavam, tipo, muitos moravam perto e só iam a pé. E já nessa época da adolescência como a escola era integral, não passava tanto tempo em casa então as minhas lembranças são mais ligadas a escola que era na zona urbana (Júlia, 21 anos).

O deslocamento constituiu-se em um dos maiores obstáculos, porém, existem diversas outras falas que são comuns nos relatos, frases que falam da defasagem do ensino na zona rural, mencionam também, além do deslocamento dos próprios estudantes até as escolas urbanas, existe também a dificuldade de chegar professores nas zonas rurais, seja pela dificuldade de acesso, ou como afirma a participante, “porque aqui na zona rural, querendo ou não, o olhar voltado pra cá é menos, é menor” (Mariana, 29 anos).

Observa-se que alguns poucos estudantes rurais têm possibilidades de irem para zona urbana com apoio de familiares que residem nas cidades e permanecerem por lá durante a semana e só retornam aos finais de semana, mas não é a realidade da maioria dos estudantes entrevistados. Nesse quesito não temos relatos de

mulheres que tenham conseguido essa flexibilidade de irem morar com familiares durante o período da escola, somente a partir do ensino superior. Essa dinâmica de permanecer na casa dos pais por todo o tempo que corresponde o período escolar, pode ser interpretada de diversas maneiras, como por exemplo, pertencer a famílias sem parentesco com alguém da zona urbana que pudesse receber essas meninas, ou até mesmo a falta de permissão dos pais. Assim, seguimos com o relato dos participantes do sexo masculino que, tiveram ligeiramente, certo privilégio de acessar a escola sem depender do deslocamento desgastante do trajeto.

Olha, é, certo. Eu morei na zona rural completamente até 2014, de 2015 até 2017 que eu fiz ensino médio aqui na escola de referência Clementino Coelho e aí é eu fazia da mesma forma, morava com minha irmã durante a semana e aos finais de semana eu voltava pra casa (Pedro, 23 anos).

A minha adolescência eu tive que sair um pouco da zona rural, pra ir cursar o ensino médio, porque eu fui procurar uma qualidade de ensino um pouco melhor, então eu fui pra cidade, saí da zona rural e fui pra cidade e ficava naquele trânsito, da cidade pra zona rural, da cidade pra zona rural, foi um pouco cansativo, difícil também no começo, mas depois eu tive que me adaptar pra chegar ao final (Eduardo, 19 anos).

Apesar dos fatores negativos visto no processo educacional, observa-se que a educação não é aversiva e não inibe a presença escolar, pois os estudantes não apresentaram comportamento de esquiva como evasão ou reprovação escolar. Quando os participantes falam do processo escolar como positivo eles se referem a aprendizagem, ao desenvolvimento escolar satisfatório, mesmo tendo consciência que era difícil, o estudo era visto como possibilidade. É possível perceber que a escola se destaca como um campo fundamental de fuga e de perspectiva que provoca tanto a criar experiências como também a descoberta de novos horizontes.

Figura 2 – Processo educacional na adolescência



Outra questão apresentada também é que os pais dos participantes convergem com as mesmas perspectivas de compreensão em relação a escola

como elemento fundamental, sejam eles filhos ou filhas. Mesmo com a necessidade de mão de obra para a sobrevivência, a roça não estava acima da educação, o que estimula os jovens a projetarem a vida com perspectivas de futuro fora da estrutura da zona rural.

Assim, quando perguntado sobre como imaginavam a vida no futuro, a grande maioria menciona imediatamente a não dependência da zona rural e busca de alternativas na zona urbana que compõem características que são consideradas, pelos participantes, como acertadas para sair da rigidez demasiada da vida na roça. Apesar, das mulheres não apresentarem demandas de trabalhos rurais, o desejo de não depender da roça é latente, como afirma a participante a seguir.

Eu me imaginava num trabalho que eu não dependesse exclusivamente da zona rural, porque é maravilhoso morar aqui, agora depender do sustento da roça é mais complicado. Então eu imaginava uma realidade diferente da que meu pai e minha mãe tiveram (Paula, 28 anos).

Observa-se que os pais dos participantes não querem uma sucessão da vida dura no campo para os filhos. Assim, apesar de todos os obstáculos, os pais constroem pensamentos baseados em suas dificuldades como estímulo para os filhos e filhas estudarem e criarem competências e habilidades fora do mundo rural. Percebe-se que não há controvérsia dos pais de permitirem as filhas a cursarem o ensino superior, como é possível observar no relato da participante, os pais se comportavam como mantenedor da expectativa de futuro promissor longe da zona rural.

Eu tinha algumas expectativas, pelo que eu lembro, eu pensava em fazer faculdade. Porque, isso muito por causa dos meus pais, porque desde cedo que a gente começou a frequentar escola, eles sempre falavam muito pra gente que eles queriam algo melhor, então eles não queriam que a gente seguisse aquela mesma vida de permanecer no âmbito rural de ser agricultor e entender que aquela vida que pra eles era, não era o melhor, né? eles queriam algo melhor pra gente (Júlia, 22 anos).

Dessa forma, o fato do ambiente rural ser restritivo não afasta um planejamento de vida nem uma representação de educação como caminho estável para o desenvolvimento integrado a uma vida urbana segura no que tange para a ideia de uma vida profissional de sucesso, no sentido econômico, capaz de não depender do trabalho braçal na roça para se sustentar.

A seguir, serão apresentados os resultados alusivos ao Eixo II - Significados do trabalho rural para estudantes universitários, os quais serão apresentados separados por categorias, a saber: a. sentidos da universidade, b. ensino superior como elemento

de mudança de vida, c. formação acadêmica e perspectiva de futuro, d. o ensino superior e os impactos na vida dos estudantes, e. vida após a graduação.

4.3 Sentidos de universidade para filhos de trabalhadores rurais

Pensar estudantes universitários é também pensar em um espaço que compreende a uma categoria massivamente jovem. Chegar à universidade é um momento desafiador, considerando todo processo de transição, expectativas, adequações e outros diversos fatores que podem tornar este espaço aversivo, onde exige do estudante que se adapte ao ambiente para seguir seu desenvolvimento. No que se refere aos estudantes advindos de outras cidades ou da zona rural o desafio é ainda maior, pois a adaptação ultrapassa os muros da universidade, é uma mudança de vida como um todo.

Cabe atentar ao fato dos elementos que compõem o processo de construção da vida acadêmica desde o planejamento que culminou ao acesso à universidade até as possíveis mudanças trazidas pela universidade. Nessa dimensão observamos que assim como no ensino fundamental e médio, as dificuldades de deslocamento continuam, agora ainda mais intensas, pois nesse momento os estudantes já não contam com o transporte escolar disponibilizado pelas secretarias municipais ou estaduais para se locomoverem até a zona urbana.

Outra questão percebida, é que nem todos os municípios contam com um contexto educacional favorável ao ensino superior, não possuem faculdades, centros universitários ou universidades, sejam elas públicas ou particulares, o que torna o cenário ainda mais complexo, pois além do deslocamento em si, as questões financeiras entram em jogo de forma mais acentuadas. Dessa forma, a pausa entre ensino médio e ensino superior, abandono de curso, e outras estratégias para esperar a oportunidade propícia é bem corriqueira nas falas dos participantes. Assim, muitos dos estudantes, além das dificuldades para chegar à universidade, precisam se preparar para enfrentar os processos seletivos para entrar nas universidades.

Nessa questão da formação superior e seus delineamentos para se consolidar em um curso, verificou-se que, para os participantes da pesquisa ao experimentarem comportamentos de mudanças de rota em relação ao curso que desejavam inicialmente. Dois participantes, Eduardo – 19 anos e, Paulo, 21 anos relatam dificuldades em relação ao processo de ingressar a universidade, um deles manifesta

a troca de curso devido a não conseguir pagar, o que o fez optar por um segundo vestibular e por fim um terceiro sendo financiado pelo Fies,

...veio a oportunidade do FIES e do Prouni, eu tinha feito o ENEM no ano anterior e a minha nota graças a Deus tinha sido boa e aí recentemente, acho que há umas três semanas atrás eu fui aprovado no FIES, e aí eu passei por esse processo de troca de curso, tranquei a licenciatura em história pra ir cursar direito que foi o que eu sempre quis de primeira, mas na primeira oportunidade eu não fiz por conta do desconto (Eduardo, 19 anos).

O segundo participante do sexo masculino que faz referência a troca de curso, relata que mesmo com a mudança de plano em relação ao curso, as dificuldades de acesso, as questões financeiras e a falta de internet, não motivou a descontinuidade do processo educacional.

E tinha o objetivo de entrar em medicina, né? não entrei, mas tô satisfeito, muito satisfeito que entrei no curso que eu tô que é a enfermagem que foi uma escolha assim, divinamente inspirada, né? Então eu comecei a estudar, primeiro, segundo e terceiro ano, estudando bastante com foco em outro curso, eu pensava que eu ia fazer história, mesmo querendo outra coisa, mas ia fazer história, aí estudei pra passar pra história, é vestibular interno de uma faculdade estadual aqui do município, ne? A Uemasul. Mas eu acabei ingressando pelo ENEM mesmo em outra universidade que foi em ciências biológicas pelo SISU, né? aí saí por conta da pandemia, período pandêmico e no mesmo ano, 2020, primeiro período fiz biologia e segundo período eu entrei pra enfermagem. Mas foi de muita luta por conta de acesso, né? Primeira coisa, na minha residência não tinha acesso à internet, né? porque nem sinal pegava, aí foi um pouco mais complicado, porque a gente tinha que estudar só por livros, né? Ou PDF ou livro, aí era um pouco mais complexo, mas deu certo. (Paulo, 21 anos)

Ainda no que tange às dificuldades de acesso à universidade devido aos obstáculos impostos pelo distanciamento entre zona rural e universidade, as bolsas de estudos ofertadas pelos programas de governo como o Fies e o ProUni para entrarem e permanecerem em faculdades particulares aparecem com frequência nas falas dos participantes. O que também influencia na troca do curso que era escolha inicial.

Os estudantes relatam que conseguem entrar nos cursos, mas não conseguem manter os pagamentos de mensalidades em faculdades particulares que por vezes são mais próximas de suas localidades e tem a possibilidade de menor frequência presencial ao curso. Então há o dilema, por um lado as universidades particulares dispõem dos cursos à distância, mas os valores são desproporcionais para alguns estudantes, e por outro lado ir para uma universidade pública que inicialmente está no imaginário comum de que é sem custos, demanda presença diária o que pode ser ainda mais desproporcional financeiramente, pois exige gastos com transportes ou mudança para a zona urbana que nem sempre é no mesmo município.

Dessa forma, fica evidente o motivo da evasão dos estudantes na primeira graduação e ainda, apesar da perspectiva de cursar o ensino superior, a visão de pouca probabilidade de concretização do sonho. Assim, como nas falas dos participantes do sexo masculino, as mulheres também são impactadas com a questão de interrupção do curso ou a contemplação de programas que assegura o ingresso e permanência na universidade como podemos testemunhar nos relatos a seguir.

Aí eu passei pelo ENEM, mas não deu certo, por ter que ir todo dia e pela dificuldade de chegar até Arapiraca eu acabei desistindo, aí eu consegui pagar só uma taxa, aí eu faço na UNOPAR numa cidade mais próxima que é Propriá, aqui é mais próximo de Propriá aí eu faço lá, faço particular por isso, porque eu não pude ir pra pública porque era à noite, era todo dia e não tinha como eu ir até o local da cidade mesmo (Sabrine, 24 anos).

Apesar dos relatos de defasagem na educação que surgiram na dimensão anterior, quando se trata de cursar o ensino superior não aparecem insegurança relacionada a justificativa de “fracasso escolar”. Não há relatos de frustrações voltados para a justificativa de capacidade de obter notas consideradas suficientemente necessárias para a aprovação no ensino superior, não se coloca os estudantes urbanos como detentores de saber. Assim, o cenário ansigênico é construído pela ausência de recursos e oportunidades para se alcançar o sonho de cursar o ensino superior como descreve essa participante.

Então, desde cedo eu sempre criei isso muito na cabeça, já no ensino médio eu tinha essa esperança, só que ao mesmo tempo eu tinha essa esperança que eu conseguiria, por exemplo, passar na faculdade através do ENEM ou algo assim, mas eu não conseguia visualizar como que eu ia conseguir ir pra outra cidade, porque na minha cidade não tinha universidade pública só tinha privada e eram cursos que não interessavam, eu não conseguia visualizar como que eu ia conseguir, tipo, me mudar de cidade, ir pra uma cidade totalmente diferente, como que eu ia conseguir um lugar pra morar? eu tentava pensar isso, eu não conseguia, eu ficava muito angustiada mesmo (Júlia, 22 anos).

Em contrapartida ao desejo de ingressar no ensino superior, se percebe que a maioria dos estudantes não tinha nenhuma ou pouca informação sobre faculdade, a maior parte por não terem referências de outras pessoas próximas que tivessem conseguido cursar o ensino superior. Assim, a precariedade da informação acaba não permitindo que os estudantes tracem estratégias que sejam condizentes ou mais próximas da realidade acadêmica, uma vez que ao que parece, as informações não chegam facilmente na zona rural.

Eu não sabia nada, no começo eu não sabia nada, nada, nada, e até agora têm umas coisas que eu ainda não compreendo, não entendo assim direito, mas com o tempo começar a, sabe? me enturmar com essa coisa de faculdade. Eu achava que ia ser

bem complexo, ia ser bem pesado, mas acaba sendo leve, tá sendo uma experiência muito boa (Ingrid, 17 anos).

Eu sabia muito pouco sobre faculdade eu acho. É porque na minha família não tinha ninguém que tinha feito faculdade. E aí o que eu sabia sobre faculdade era o que sempre meus professores me falavam, então eu sabia basicamente essas informações através deles que contavam as vezes nas aulas como era a faculdade deles e tal (Júlia, 22 anos).

A falta de referência de familiares ou pessoas próximas que tenham o ensino superior também é significativo para se pensar que alguns pontos periféricos da representação social vêm mudando dentro das zonas rurais, percebe-se que alguns representam a primeira geração com ensino superior. Isso pode estar ligado diretamente as políticas de assistência estudantil, aos programas de governo para a educação como o ProUni e Fies, e a interiorização das universidades e institutos federais.

Apesar de grande parte dos estudantes terem pouca ou nenhuma informação sólida sobre o que era faculdade, alguns poucos tiveram certo privilégio de obterem maiores informações com pessoas que estavam mais instruídos ou pelo privilégio de ter acesso a internet. Aqui vemos a narração de alguns participantes que expressam como a informação e como ter referência, apesar de certa ansiedade, pode facilitar na criação de estratégia de organização e diminuir a angústia de saber o que esperar.

Através de alguns familiares que conseguiram, um ou outro conseguiu. Eu tenho uma prima que é professora, e ela também me incentivava muito também, ela é pedagoga. Aí ela falava que o ensino superior nos traz conhecimento, muitos conhecimentos, eu pequena, eu adolescente, né? nos trazia conhecimento e que nos tornava profissionais bem sucedidos e tal (Mariana, 29 anos).

Eu sempre imaginei, eu sempre tive uma ideia bem clara do que era a faculdade, de como funcionava, minhas tias sempre falaram muito e tudo, então eu tinha uma ideia clara, sabe? de como ia ser, eu fiquei com medo, no início no caso, porque eu não sabia como que eu ia conseguir organizar estudos, essas coisas (Tarciana, 21 anos).

Então desde o início do eu comecei a pesquisar bastante sobre o ENEM, né? como uma forma de ingressar na universidade, né? e a partir da informações que eu obtive eu comecei a me preparar específica para o exame, né? para a prova e aí eu morava na zona rural, mas lá sempre, sempre não, né? a partir de 2016 os meus pais colocaram internet lá, né? isso me ajudou bastante, né? porque essas informações que eu comecei sobre, tanto do ENEM quanto de outras disciplinas foram através da internet, né? que tinha lá, e aí eu comecei a me preparar desde o primeiro ano do ensino médio, né? (Rodrigo, 21 anos).

A vivência na zona rural se torna uma motivação extrínseca para buscar o ensino superior, não que se queira romantizar o sofrimento rural, porém, observa-se que esses jovens visualizam a devida importância da educação na produção da

autonomia, do conhecimento de mundo, da tomada de decisão e de tantas outras possibilidades que são criadas em interface com a educação. A participante dois explana como foi entusiasmada para buscar o ensino superior.

Rapaz, eu acho que o motivo, pelo qual me impulsionou entrar na faculdade é porque eu sabia que, não dava, não dava pra eu continuar mas ali com aquelas informações totalmente limitadas e parecia que, não que isso seja um problema, mas eu tinha vontade muita de conhecer outro lugar, de ter essas novas experiências, que eu sabia que se eu permanecesse ali eu não ia ter de jeito nenhum. E aí foi isso (Luciana, 24 anos).

Observa-se que apesar do ambiente rural apresentar algumas dificuldades para os participantes se deslocarem para estudar, e por vezes não terem uma referência próxima que potencialize a busca pelos estudos, eles tinham um ambiente gerador de força que permitia sonhar. Os familiares, professores, pessoas próximas, mesmo que verbalmente, criavam uma possibilidade de se pensar um futuro garantidor de uma realidade fora da zona rural. Aqui podemos acompanhar relatos de três participantes sendo um do sexo masculino e duas do sexo feminino, nesta ordem.

E aí contei a com ajuda dos meus professores, que aí eu já estava morado na cidade, eu comecei estudar na cidade a partir do sexto ano e aí os professores sempre me apoiaram, e né? (Rafael, 21 anos).

Que por exemplo, teve um professor meu que conversou comigo um tempo, e ele disse “olha tem oportunidade nas universidades, tem assistência estudantil, você pode conseguir uma residência estudantil pra morar lá” e ele falava, sabe? Dessas... dessas possibilidades que tinha pra não ser tão difícil, mas mesmo assim, eu não conseguia me visualizar fazendo aquilo. Parecia que era uma coisa muito distante ainda, apesar de todo apoio, de meus pais desde o início terem garantido que dariam e dessas oportunidades que eu sabia que tinha (Júlia, 22 anos).

Eu sempre tinha vontade de cursar direito, e eu sempre falava pros meus pais e uma dessas vezes eu falando pra eles, eu falei pra minha mãe e ela olhou pra mim e falou, “olha filha, eu não tenho condições pra colocar numa universidade pra você cursar, essa faculdade, esse curso, mas eu acredito que um dia você vai conseguir”, ela até tentou me colocar pra cursar outra faculdade só que eu não queria fazer uma coisa em vão, uma coisa que eu não queria só pra agradar a eles, ou pra ter um diploma (Mirela, 23 anos).

Nas entrevistas, não encontramos tantos relatos de incentivos para os participantes do sexo masculino, apesar de existir certa orientação, principalmente dos professores, as participantes mulheres narram com frequência essa motivação acompanhada de um lamento velado na possibilidade de não conseguir o acesso. Mas o que chama mais atenção é que em alguns relatos de mulheres circunda discursos de arbitrariedade ao desejo de cursar o ensino superior vindo de terceiros,

enquanto para os homens não há relatos desse menosprezo ao sonho de chegar à universidade.

E olhe que apareceu pessoas falando 'ah, você não vai não, você tem que casar, pode ir não, não sei o que'" (Luciana, 24 anos).

E o tempo passou, ouvi muitas pessoas falando que eu nunca ia conseguir cursar uma faculdade, principalmente a faculdade de direito e foi tanto que eu terminei o ensino médio, eu passei dois anos sem fazer nenhuma faculdade, sem fazer curso, sem fazer nada, porque eu realmente tava esperando uma oportunidade" (Mirela, 23 anos).

Eu já tinha assim, tipo assim, já tinha o sonho dentro de mim só que ninguém acreditava muito, porque aqui mesmo onde eu moro não tem ninguém que faz. (Sabrine, 24 anos).

E essa desmotivação social se dá pela representação social culturalmente reproduzida historicamente com a ideia de conformidade, de que as mulheres são predestinadas a cumprir determinados papéis, como o casamento e ainda a interpretação de que a pessoa não tem capacidade de fazer determinados cursos.

4.4 Ensino superior como elemento de mudança de vida

Com relação as perguntas direcionadas para compreender sobre as mudanças que a universidade acarretou a vida dos participantes, é quase unânime as respostas voltadas para uma mudança satisfatória, positiva e cheias de fragmentos de expectativas de futuro promissor.

Nessa categoria, as falas dos participantes narram os significados da vida permeada por instabilidades e incertezas, aqui eles visualizam consideráveis vantagens em ser universitários. Tanto os homens quanto as mulheres revelam situações de maturidade nesse processo de vida acadêmica. Aqui observamos relatos de dois participantes, Barbara e Pedro, que refletem a ideia dessa categoria.

Depois da faculdade a gente começa a ver as coisas de outra forma, né? a gente adquire mais maturidade, a gente tem outro ponto de vista, tipo, a gente ver que têm várias portas, né? que abrange várias áreas, que a gente pode conseguir alguma coisa, a gente muda a perspectiva, porque na escola aqui a gente não tem muita perspectiva de vida, mas na faculdade a gente já tem uma ideia de qual área a gente vai concursar, algumas coisas a gente já tem um ponto de vista diferente do futuro (Barbara, 26 anos).

Até que eu consegui conquistar muitas coisas que eu não tive acesso na minha infância, eu sei que eu não tive acesso, eu sei que a minha irmã não teve acesso. A gente sabe que a gente não teve, então, acredito que mudou bastante coisa em relação até a forma de lazer, quando eu cheguei no ensino médio aqui, eu não saía praticamente eu tinha vergonha muitas vezes de sair, então hoje eu não tenho mais. É isso assim, acho que mudou nessa perspectiva (Pedro, 23 anos).

Partindo do entendimento das representações sociais de Jodelet (2001), o ensino superior aparece como elemento significativo para esse grupo. Mesmo que o ensino superior seja representador de formação profissional e conseqüentemente de ganhos financeiros para população em geral, para a população rural essa ideia perpassa o somente ser um profissional, mas a formação atua como elemento detentor do poder de modificar da realidade social, como quebra de paradigmas, como descontinuação de um modelo contraproducente de analfabetismo e como possibilidade de vencer um sistema excludente.

Segundo Jodelet (2001), as representações sociais são fenômenos complexos cheios de elementos que por vezes são estudados separadamente, como os elementos informativos, as ideologias, normas, valores, crenças entre outros. E são esses elementos que representam as particularidades de um grupo fazendo com que seja significativo o estudo das representações sociais sobre alguém ou alguma coisa específica, pois como afirma Jodelet (2001), representação social é sempre de alguma coisa ou de alguém.

As mudanças em relação ao senso crítico retomam nessa dimensão corroborando com o que vimos anteriormente na primeira dimensão sobre “tomada de consciência”, percebemos assim, a importância, não só da universidade, mas da educação como um todo, de formar pessoas com pensamentos críticos, inquietas e inconformadas com as injustiças vivenciadas não só por eles mesmo, mas por outras pessoas. Como mencionado anteriormente, essa questão é visualizada, mas foi nos relatos do público feminino que esta dimensão se aprofunda, apesar de alguns rapazes também expressarem tais significados, porém em menor frequência.

Mudou no sentido de que hoje eu entendo muita coisa que a minha mãe não teve acesso, hoje eu tenho tudo que a minha mãe, de certa forma disse sim, tiraram o direito dela, e eu posso dizer não, não só pra mim, mas também pra ela quando eu vejo uma situação que possa violá-la eu posso dizer não. E realmente me trouxe muita consciência de espaço, assim, do lugar onde eu vivo, eu vivia inconsciente, e contribuí tanto pra mim também não só como pessoa, mas como futuramente profissional, mas também na minha própria comunidade também (Luciana, 24 anos).

É no sentido de ter mais disciplina, pensar mais realmente no futuro, num objetivo específico, me dedicar a algo específico, me importar menos com coisas mais fúteis e ver algo que realmente é meu objetivo, foi algo que a faculdade trouxe. Fora outras visões que o curso trás, sabe? Sobre a realidade, sobre o mundo atual, política, direitos, a sociedade em si (Tarciana, 21 anos).

Eu acho que mudou bastante, né? na universidade eu pude ter contato com pessoas diferentes, né? Ampliar mais o meu senso crítico, ampliar mais os meus conhecimentos mesmo, a minha visão de mundo, assim, acredito que mudou bastante, muita coisa (Rodrigo, 21 anos).

As poucas pessoas participantes que demonstraram certo desconforto com as mudanças causadas pela entrada na universidade, citaram questões relacionadas a distância dos seus familiares, a falta de tempo para dar atenção e visitar sua família. Ou seja, não se tratava de questões ligadas diretamente ao mundo acadêmico, mas de questões geográficas impostas pela necessidade de cursar o ensino superior na zona urbana.

Mesmo a universidade aparecendo como representação de certa segurança para um futuro de “sucesso”, surgiu pontos de insegurança em relação a escolha do curso, a grande maioria demonstra contentamento com as mudanças que tiveram após a entrada na universidade, mas uma participante do sexo feminino fez um relato que nos faz perceber o quanto as questões políticas propostas pelos governantes são cruciais para a tomada de decisão e manutenção dos planejamentos de vida da sociedade.

Porque os últimos acontecimentos que levaram a gente ficar um pouco triste é a questão do novo ensino médio, né? Aí, o meu curso é licenciatura, será que futuramente eu vou ter trabalho na minha área? será que os alunos vão querer realmente estudar química como uma matéria seletiva? né? Aí você fica imaginando dessa forma, será que no futuro eu vou ter um campo de trabalho? Por mais que é o que você goste, por mais que faça, será que vou passar quatro anos numa faculdade e no final não ter onde atuar. Aí a gente fica meio na dúvida por conta disso. Mas eu amo meu curso, então dessa vez eu quero terminar (Paula, 28 anos).

A busca do ensino superior para os estudantes rurais já caracteriza um movimento para ultrapassar diversas barreiras como estamos observando até aqui. A consciência da possibilidade de mudança é o argumento, mas expressado pelos jovens entrevistados, mesmo que haja algo que seja desmotivante os jovens permanecem estimulados para a concretude do sonho de se formar, pois não alimentam a ideia de sucessão àquela realidade claramente balizada, sem nenhuma condição de modificação da estrutura vulnerável que cerca simultaneamente de forma física e intelectual, gerando uma linha de gerações longínquas da consciência da realidade que se encontram.

Enquanto por um lado existem um emaranhado de acontecimentos que poderiam estar centralizados na desestruturação da perspectiva de futuro longe da realidade rural, por outro lado, existe uma pressão social de ter uma profissão ser

sinônimo de “ser alguém na vida” e de que uma nota no vestibular define se você tem capacidade, se você é bom o suficiente para conseguir cursar o ensino superior. Ambas as formas de representação social geram impacto na trajetória dos jovens. Alguns entendem a ideia da desmotivação como um desafio que precisa ser vencido, outros se sentem frustrados e desanimados. Porém, no caso dos entrevistados a persistência prevalece, como é o caso da participante abaixo citada.

É, terminei o ensino médio em 2016 com aquela cobrança toda de que, “ah você é bom se você tirar uma nota boa no ENEM, sua vida vai andar por uma prova do vestibular”. Então no final do ensino médio eu tava com aquela impressão básica de que sua vida está condicionada ao vestibular, e depois eu descobri que a vida não está condicionada ao vestibular, aí eu digo “mas rapaz”. Condicionar a vida de uma pessoa ao vestibular, eu parando pra pensar, mas rapaz. Mas enfim, é aquela coisa. Aí já eu acho, né? Eu não sei se posso falar, ou tô falando besteira. Eu acho que o problema é você colocar o peso disso, de que a vida está condicionada ao vestibular, a passar no vestibular, não está (Luciana, 24 anos).

Diante disso, percebe-se que o processo educacional do jovem rural não depende somente de uma tomada de decisão, mas de desafiar um sistema construído não só no imaginário, mas nas práticas experimentadas diariamente pelos habitantes rurais.

4.5 Formação acadêmica e perspectivas de futuro

Aqui partiremos para a discussão da terceira e última dimensão, e como mencionamos anteriormente, nesta parte da entrevista buscamos compreender como os participantes visualizam a vida após o término da graduação. Inicialmente perguntamos se os participantes pretendiam permanecer, ou retornar (caso tivesse saído), para a zona rural após concluir a graduação, a maioria disse que não retornariam para morar, somente para momentos de lazer com os familiares. Os participantes homens afirmaram não querer retornar à zona rural para morar, exceto dois disseram que achava que não retornaria para morar, os demais foram seguros em afirmar que não morariam, mas retornariam de alguma forma para visitar.

Eu me imagino tendo uma casa de final de semana, não mais do que isso. Eu me imagino indo pra casa dos meus pais no final de semana, construindo uma casa no final de semana, mas morar, não (Pedro, 23 anos).

Eu acho que não, nem pro município lá, por conta de ser município pequeno, né? três mil habitantes só, aí não tem muito, né? muitos meios e muitos benefícios. Mas quero ter sempre meu pedaço lá, pra voltar, pra minha velhice, né? porque foi mágico e na minha velhice quero voltar (Paulo, 21 anos).

Não. Eu costumo falar que eu adoro o sítio, a zona rural, adoro mesmo sítio e o tempo que eu tenho disponível eu tento ir lá visitar meus pais e porque também eu gosto do ambiente mais calmo não, extremamente calmo, sem barulho, eu detesto barulho coisa que me atrapalha, só que eu não penso voltando pra morar lá. Só que, tipo, eu quero a manutenção do lugar pra que eu possa visitar e ter uma válvula de escape, só que pra morar não e lá não me dá condições do que eu quero fazer da vida, assim, do que eu preciso na verdade. Lá não tem o que eu preciso, então não tem como, assim, até eu me vejo muito frustrada se eu tiver que voltar, talvez isso seja um pouco engatilhador, assim, mas não me vejo voltando. Já comentei isso com os meus pais várias vezes, né? é assim (Rafael, 21 anos).

E essa esquivada de retornar ou permanecer na zona rural está motivada pelo subdesenvolvimento da zona rural, não é simplesmente uma escolha, mas um processo que se avalia toda a estrutura que permeia o habitar na zona rural. Enquanto os homens apresentam um discurso de negação unânime quando se trata de morar na zona rural após o final da graduação, as mulheres ponderam mais as situações algumas afirmam não retornarem, outras tem discurso contrário e afirmam retornar.

Não, não me imagino. Eu me imagino trabalhando numa cidade bem desenvolvida, onde eu consiga arrumar um bom emprego, porque realmente onde eu moro não tem possibilidade não de emprego, principalmente na área da psicologia, então não me imagino voltando pra zona rural (Carolina, 20 anos).

Então deixar a zona rural eu acho que pra mim não é uma escolha fácil, e eu creio que não é uma escolha que eu queira fazer, pode ser que mais pra frente, né? A cabeça muda mais no momento, não é uma escolha não que eu faria assim deixar de morar aqui (Paula, 28 anos).

Rapaz, eu me vejo, mas agora como uma nova pessoa, não àquela que vai ficar isolada, e, é aquela que vai ficar ali à margem, aquela que vai contribuir pra alguma coisa, pras coisas andarem. É tipo isso! (Luciana, 24 anos).

Observa-se assim, que a representação social de ensino superior como possibilidade diferente da vida dos pais, é constante em todas as dimensões do estudo. Ganam e Pinezi (2021), fazem uma discussão sobre a questão da trajetória de estudantes universitários que são atendidos pelos programas de assistência estudantil e discute, o que elas chamam de lugar social desses estudantes. Em certo momento as autoras se referem ao conceito de *habitus* encontrado em (BOURDIEU; PASSERON, 2014), para afirmar que esses estudantes que estão conseguindo entrar na universidade e permanecer através dos estímulos financeiros, foge do padrão convencional de herdeiros, que representam um grupo social para o qual o ingresso na universidade constitui um *habitus*, no qual a temática da universidade acompanha a rotina familiar e escolar, assim como a relação que mantêm com o saber e os produtos escolares. Dessa forma, *habitus* incorporado nas novas gerações de

habitantes rurais, não herda o modelo cultural de forma prática, isso também nos leva a pensar que por mais que os pais desses jovens tivessem perspectiva de futuro distante da zona rural a falta de oportunidade, a falta de informação, a falta de incentivos governamentais e até mesmo a escassez de universidade e a representação burguesa da formação superior, fizeram essas pessoas seguir o *habitus* entremeado na cultura do mundo rural.

Porém, pensando em um padrão de repertórios verbais, o desejo de não permanecer na vida rural pode ser herdado, pois, como mencionado na dimensão anterior, os pais se comportam como mantenedores de incentivo dos sonhos dos filhos. Diante da realidade experimentada pelos pais, o incentivo ao processo escolar se inicia desde cedo, mesmo quando as crianças não têm consciência de onde a educação irá levá-las.

A construção do imaginário de suposto futuro promissor na zona urbana funciona como mecanismo gerador de empenho que coaduna com a ideia de educação como a oportunidade de crescer na vida como podemos observar no discurso da participante.

Não, não. Porque assim, na minha visão ali eu não vou ter... eu não vou crescer, não vou ter futuro nenhum, não tem, tipo, na área que eu quero trabalhar ali não tem como, eu já estudo já pra não morar mais ali (Tarciana, 21 anos).

Observa-se que a narrativa de eleger o mundo urbano como provedor de sucesso é tão entrelaçada no repertório social que a ideia de retornar para a zona rural, expõe a representação social de zona rural como fracasso. Assim, para alguns é frustrante e comprometeria a manutenção da cresça vislumbrada que sustenta o enfrentamento de todos os obstáculos para ingressar na universidade.

Em contramão da maioria algumas poucas mantem o desejo de permanecer na zona rural após a formatura, acreditam que nenhum outro lugar irá oferecer elementos que elegem importantes, como a paz, tranquilidade, a família por perto e ainda com olhar inquieto perante a realidade rural.

Apesar das participantes mulheres construírem uma narrativa que demonstra disposição em permanecer na zona rural, as ressalvas que de certo modo se contrapõem ao desejo de permanecer são bem frequentes nos discursos dos participantes e repercute novamente a restrição do meio rural, sobretudo no que diz respeito a atuação profissional.

Eu penso em ficar, mas não da forma que eu tô, como por exemplo agora, eu faço a faculdade e ajudo meus pais na roça, só que não dá pra mim ter a minha vida profissional e ir pra roça. Num é? Então eu penso em tá aqui acompanhando, até porque eu gosto do campo, gosto de tá no campo, mas eu não quero isso pra minha vida profissional, eu quero acompanhar minha família, eu quero vim lembrar as coisas boas que eu passei, mas pra manter um vínculo profissional aqui eu não quero (Mirela, 23 anos).

Assim, eu hoje pretendo continuar aqui, mas depende também das oportunidades, porque a gente... a gente, assim, tem que procurar o melhor, mas se tiver uma oportunidade por aqui, se conseguir por aqui, é ótimo, é perfeito, mas se não, tem que ir atrás das oportunidades (Sabrine, 24 anos).

O que se observa é que mesmo com certa disposição de retornar ou permanecer os participantes evidenciam as situações análogas a miséria que muitas pessoas vivenciam no meio rural. A transformação da estrutura social seria o efeito mais efetivo para evitar o êxodo rural dessas populações. E tal modificação se daria a partir da não sonogação de direitos, da oferta de saúde, educação, infraestrutura de todo ambiente físico justaposta com o acesso a materiais simbólicos de mobilização de pensamentos crítico para a modificação de comportamentos obsoletos em relação ao mundo rural.

Antes de finalizar o tópico, cabe destacar que em momento algum estamos pressupondo o banimento da cultura rural, mas um processo de aperfeiçoamento que comungue com o desejo e as perspectivas de futuro dos jovens, e ainda que saída da zona rural seja pensada como uma escolha e não como única possibilidade, como fuga para ter uma vida confortável.

4.6 O ensino superior e os impactos na vida dos estudantes

O ensino superior como já vimos até aqui é simbolizado como o principal caminho para minimizar, quiçá, extinguir o sofrimento vivenciado no trabalho rural dos participantes. Quando indagado sobre os impactos que a formação trouxe ou poderá trazer para suas vidas, os participantes trazem diversos pontos que consideram implicados pela vida acadêmica. Na mesma linha de discussão que víamos apresentando desde o início, a questão da tomada de consciência vem perdurando ao longo das narrativas. Assim, algumas das participantes agregam essa abertura de visão de mundo a outros elementos como frutos da entrada na universidade.

Eu acho que no caso pra mim foi a questão da aceitação, né? Porque, antes eu, digamos assim, eu não me aceitava tanto as minhas origens como agora, né? A questão de ser quilombola, de ser descendente indígena, isso a gente percebe que na universidade você.... outras pessoas, outras crenças e você começa a trabalhar

na sua mente que você faz parte de um povo, você não tá ali voando, você não é excluído, você faz parte de tudo. Acho que foi isso que a universidade me trouxe também, abriu a mente mais pra questão da minha etnia, né? Daqui, de quem eu sou, do povo que eu pertença, né? (Paula, 28 anos).

E também acho que ter feito faculdade, no âmbito pessoal vai me proporcionar ter desenvolvido muito mais, eu acho que minha mente mesmo também, porque eu sinto que saindo do ensino médio, a gente não reflete sobre muitas coisas, apesar de... da gente, de certa forma dizer que a nossa formação ou educação tem que ser crítica, eu sinto que na verdade a escola até o ensino médio a gente passa uma postura muito mais passiva e eu sinto que no âmbito pessoal a faculdade ajuda você a desenvolver uma formação mais crítica, refletir melhor sobre as coisas, não só em termos de conhecimento, mas também você amplia muito seus horizontes em relação a pensar sobre coisas que você nunca tinha pensado, muita coisa assim nesse sentido e eu acho que consegue desenvolver assim, muita coisa que eu não teria desenvolvido se eu não tivesse feito a faculdade, através dessas relações mesmo interpessoais, talvez habilidades sociais, acho que muita coisa, no âmbito pessoal também eu acho que vai ter me proporcionado muito crescimento e amadurecimento. (Júlia, 22 anos).

As questões de formação como mudanças na perspectiva financeira geradora de melhoria de vida também se sobressaem nas narrativas dos participantes, o desejo de custear manutenção da vida dos pais e garantir recursos para mantê-los longe do exaustivo trabalho rural são falas corriqueiras dentro das entrevistas e se estende pelos discursos de ambos os sexos, como é possível observar a seguir. Relatos de dois participantes homens e uma mulher, nesta ordem, comungam do mesmo desejo de proporcionar uma melhoria de vida.

Eu acredito que a melhoria da qualidade de vida. A melhoria da qualidade de vida, isso é fundamental, assim. Melhorar a qualidade de vida, poder ajudar minha família, eu penso muito nisso, é uma forma de prazer nesse sentido, principalmente quando eu começar a trabalhar (Pedro, 23 anos).

Então o que trouxe de impacto, é justamente, ter proporcionado, né? essa saída da zona rural, e isso é positivo, pra mim foi positivo, nem todo mundo tem essa oportunidade, né? de estudar, então a universidade, nesse sentido, ela impactou positivamente ao meu ver. Enquanto as perspectivas, eu acredito que concluindo curso, né? eu terei mais oportunidade, né? Até pra ajudar minha própria família, né? Financeiramente, né? (Rodrigo, 21 anos).

Pra minha vida profissional, eu acho que são muito grandes, porque, né? uma faculdade, da oportunidade de você conseguir empregos digamos muito melhores, até como eu disse, foi isso que meus pais acreditaram, por isso que eles sempre apoiaram, que eu estudasse faculdade, então eu acredito que eu vou conseguir tanto ter um trabalho, também de certa forma um trabalho que vai ser mais valorizado pela sociedade, querendo ou não, porque a sociedade costuma valorizar mais quem fez faculdade, um trabalho que vai ser digamos mais reconhecido e também vai ser, provavelmente vai me proporcionar mais retorno do que se eu não tivesse feito, eu teria menos oportunidade talvez de trabalho e também digamos que o ganho seria menor (Júlia, 22 anos).

Ponderando que a visão de universidade como causadora de impactos positivos na vida, os que relatam alguns pontos que fogem dessa vertente, queixam-se do distanciamento familiar oriundos de uma trajetória acadêmica necessária para alcançar a tão sonhada formação. Porém, o que predomina em relação aos impactos são de fato as questões positivas de desenvolvimento pessoal e acadêmico.

4.7 Vida após a graduação

No que tange à relação com a zona rural e as possíveis mudanças ou permanência da visão após a formatura, as participantes mulheres não omitem a ideia de pertencimento, os valores e as suas raízes que serão levadas junto ao seu repertório cultural.

Então acho que os valores da minha mãe eu sempre vou carregar eles, é o que eu mantenho de lá. O que vai mudar realmente eu não vou ser aquela menininha que acredita que as coisas são impossíveis, é eu acho que é isso (Luciana, 24 anos).

Assim, eu acho que tipo, as raízes, as raízes a pessoa não vai esquecer nem nada, vai permanecer isso na pessoa, só que eu acho que pra mim só vai ser algo só pra ir visitar ter uma lembrança, essas coisas, e não, eu acho que não vou conseguir ainda ter algum vínculo grande não (Tarciana, 21 anos).

Eu acho que assim, as raízes são da zona rural, que minha família toda é daqui, nunca saíram daqui, família de mãe, família de pai, então não tem como mudar a essência, não tem, eu vá pra onde for, mas as raízes continuarão aqui, não tem como tirar (Sabrine, 24 anos).

Alguns discursos dos participantes estão mais ligados a acreditarem que irão retornar e atuarem profissionalmente no seu município, atendendo a comunidade rural. Essa ideia de retornar e oferecer seus serviços repercute como uma espécie de justiça a representação social de zona rural ser um lugar restritivo, não ter acesso a diversos serviços. Assim, para esses participantes ofertarem serviços cobrindo a zona rural permite que essa população usufrua de serviços que as diversas formações possam oferecer.

Eu acredito que eu vou conseguir ter os olhos atentos pra rural, pra zona rural, por conta de já ter sido de lá, conhecer os desafios, conhecer as dificuldades, então eu acredito que prestarei uma assistência também com os olhos voltados (Paulo, 21 anos).

Então após a formação, né? Eu pretendo ser um bom profissional, né? é, atuar de forma ética, né? E prestar um bom serviço pra sociedade e quem sabe contribuir lá com minha cidade, com a zona rural, né? que é onde eu saí, né? Porque eu percebo que, principalmente, os serviços de psicologia lá não é... não existem, né? É assim, né? pessoas que saíram de lá e retornarem trazendo coisas novas, né? nesse sentido, eu acredito que vai ajudar bastante, né? é o que eu penso. Não, eu acho que

não vai mudar não, creio que só vai melhorar a minha relação com o âmbito rural, com esse objetivo de ajudar mesmo, né? (Rodrigo, 21 anos).

Em contrapartida ao desejo de não retornar para morar de fato na zona rural, outros participantes demonstram desejo de beneficiar esse lugar de algum modo. Ainda dentro dessa perspectiva de oferecer algo que beneficie essa população, alguns participantes citaram o interesse de retornar para levar conhecimento de algum modo para expandir os horizontes das pessoas que continuam habitando em suas comunidades de origem. As construções de experiências desenvolvidas na universidade acentuou ou despertou às questões voltadas para as reflexões de zona rural como um lugar de limitações/restrições de acesso a serviços e direitos.

O que se percebe em muitas falas é o afeto, o desejo que aquele espaço evolua, dê oportunidades para seus moradores. A Representação de lugar bom e tranquilo continua surgido nas narrativas. Porém, na maior parte das falas são carregadas da emergência social que mais desafia o futuro dos participantes.

5. Considerações finais

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou investigar as representações sociais do trabalho rural para os estudantes universitários filhos de trabalhadores rurais e compreender os significados do trabalho rural para esses estudantes. As representações sociais estão inseridas nas ideias e práticas corriqueiras da sociedade, sendo assim, o estudo aponta como essas representações sociais se manifestam nas falas dos participantes homens e mulheres. Além disso, aponta como processo educacional se configura diante de tantas impossibilidades impostas pelo acesso precário ao ambiente rural caracterizado, pelos próprios participantes, como lugar restrito.

Foi possível observar algumas diferenças significativas no que se refere as falas dos estudantes homens e mulheres. Questões relacionadas ao discurso delimitador do lugar da mulher e a descrença na perspectiva de futuro projetada por elas são observados em algumas entrevistas. Se percebe também, homens realizando tarefas do trabalho braçal, enquanto as mulheres não realizam essas atividades. É possível observar também comportamentos de maior liberdade aos homens, tanto nos projetos de vida, onde não relatos de incapacidade de conseguir executar os sonhos futuros, como também, a saída da residência dos pais na zona rural para cursar a educação básica na zona urbana.

O estudo mostra ainda, como o cenário da educação brasileira sistematizado, principalmente, na primeira década dos anos 2000, como a interiorização das Universidades públicas, a assistência estudantil, o Fies e Prouni tem sido fundamental na democratização ao acesso à universidade, sobretudo aos estudantes em vulnerabilidade socioeconômica. Assim, percebendo-se como o jogo político e econômico é dispositivo importante nos projetos de vida no fazer sonhar dos estudantes. Com isso, o estudo alcança os objetivos proposto anteriormente.

Desse modo, o objetivo desse trabalho foi, portanto, entender as representações sociais de trabalho rural, o que se delineou para a compreensão das implicações e impactos que a vivência rural possui na vida dos estudantes universitários.

Apesar de diversas falas colocando a zona rural como espaço restritivo, esquecido e de dificuldade de acesso, percebeu-se que a zona rural não é vista como um lugar ruim, mas é percebido como um lugar desprovido de assistência política na oferta de ferramentas sociais geradoras de aperfeiçoamento do trabalho rural e

desenvolvimento de recursos que oportunize o acesso os direitos básicos necessários para uma vida digna.

Assim, conclui-se que as representações sociais dos estudantes universitários participantes da pesquisa colocam o trabalho rural como mantenedor da sobrevivência e a educação como caminho possível para a mudança de vida. Portanto, a execução das políticas públicas que garantem o acesso à universidade é importante para os projetos de vida serem colocados em prática. Nesse sentido, mesmo que saibamos que mudanças necessárias precisam ser feitas na base para melhorar a educação básica e vida rural como um todo, a ampliação de recursos públicos para democratizar o ingresso e facilitar a permanência pode contribuir para os estudantes não serem sucessor da dinâmica de trabalho rural como única possibilidade para sobreviver.

Referências

ALMEIDA, A. et al.. Ancoragem: notas sobre consensos e dissenso. In: Almeida, A, M. O; Santos, M. F. S.; Trindade, Z. A. (orgs.), **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. Brasília, Technopolitik, 2014.

ALVES, M. F; Oliveira, V. A.. Política educacional, projeto de vida e currículo do ensino médio: teias e tramas formativas. Palmas, **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 8, p. 21-35, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2608>. Acesso em 20 ago. 2023.

ANDRADE, A. S. et al.. Vivências Acadêmicas e sofrimento psíquico de estudantes de psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 4, p. 831-846, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/RTkFTtDv3sRKHGT7J3zPMZC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 ago. 2023.

ANDRIOLA, W. B. ARAÚJO, C. A.. Adaptação de alunos ao ambiente universitário: estudo de caso em cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 29 n.110, p. 135-159, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/nqZZQwNrqFwffVBcNF79btb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 ago. 2023.

ARANTES, V. A., PINHEIRO, V., & AMANDO, M.. Projeto de vida na velhice e suas dimensões afetivas: um estudo de caso. **Revista Internacional d'Humanitats**, v. 22, n. 45, p.137-150, 2019. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002930806>. Acesso em 20 ago. 2023.

BARDIN, L.. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, I. F. O agronegócio e a atuação da burguesia agrária: considerações da luta de classes no campo. **Serviço Social & Sociologia**, n. 131, p. 175-195, 2018.

BERTONI, L. M.; GALINKIN, A. L.. Teoria e métodos em representações sociais. In: MORORÓ, L. P., COUTO, M. E. S.; ASSIS, R. A. M., (orgs.). **Notas teórico-metodológicas de pesquisas em educação: concepções e trajetórias**. Ilhéus, *Editus*, p. 101-122, 2017. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/yjxdq/pdf/mororo-9788574554938-05.pdf>. Acesso em 20 ago. 2023.

BEZERRA, J. A.; SILVA, C. N. M.. Entre o rural e o urbano interiorizado. **Mercator**. Fortaleza, v. 17, p. e17019, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mercator/a/vGZcsBTfpSFtmcLpkxnpXgz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 ago. 2023.

BESERRA, L.; HENNINGTON, E.A.; PIGNATTI, M.G. Condições de trabalho e saúde de trabalhadoras rurais: uma revisão integrativa. **Saúde Debate**, 47, N. 137, p. 298-315, 2023

BRANDÃO, T. F. B.; BARBOSA, L. C. B. G.; BERGAMASCO, S. M. P. P. Organização social e gestão associativa rural entre mulheres no semiárido sergipano. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, 61(2), e249024, 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. Brasília, 2016.

CAMARGO, S. M.; RECH, A.. **Relação entre carga horária de trabalho e desempenho acadêmico em estudantes de educação física** (Graduação em educação física) - Universidade de Caxias do Sul. P. 1-19, 2020. Disponível em: <https://repositorio.uces.br/xmlui/bitstream/handle/11338/9838/TCC%20Sabrina%20Matte%20de%20Camargo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 20 ago. 2023.

CASQUEIRO, M. L.; IRFFI, G.; SILVA, C. C.. A expansão das Universidades Federais e os seus efeitos de curto prazo sobre os Indicadores Municipais. **Avaliação**:

Revista Da Avaliação Da Educação Superior. Campinas, v. 25, n.1, p.155–177, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/aval/a/MpxxT5FmyDYkDkWtJZkpygB/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em 20 ago. 2023.

COSTA, C. S. S.; ALBERTO, M. F. P.. Projetos de vida de jovens egressos de medidas socioeducativas. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 33, p. 1-16, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/wD3XQnCyG5QZJf5MZgx6fcr/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em 20 ago. 2023.

COSTA, C. S. S.; ALBERTO, M. F. P.; SILVA, E. B. F. L.. Vivências nas Medidas Socioeducativas: Possibilidades para o Projeto de Vida dos Jovens. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, 39: e186311, 1-16, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/gGk76g3HvbkQ95Y6G6ryGKB/abstract/?lang=pt#>.

Acesso em 20 ago. 2023.

CHAVES, A. M.; SILVA, P. L.. Representações Sociais. In: Camino, L; Torres, A, R. R; Lima, M. E. O. & Pereira, M. E. (orgs.). **Psicologia social: temas e teoria**. 2. ed. revista e ampliada, Brasília, 2013.

CHIODI, R. D.; MARQUES, P.E.M.; MURADIAN, R. S.. Ruralidades e Política Ambiental: heterogeneidade socioeconômica e lógicas indiferenciadas dos projetos públicos de pagamento por serviços ambientais. **Revista de economia e sociologia rural**, Brasília, v. 56, n. 2, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/resr/a/SMLgBHDj3czqrXpNW9QZsmn/abstract/?lang=pt#>.

Acesso em 20 ago. 2023.

FIGUEIREDO, A. M.; LIMA, K. C.; MASSUDA, A.; AZEVEDO, G. D.. Políticas de ampliação do acesso ao ensino superior e mudança no perfil de egressos de medicina no Brasil: um estudo transversal. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n.9, p. 3751–3762, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/kyTmbg4FB8jhsxKKHFdXfHM/#>. Acesso em 20 ago.

2023.

GANAM, E. A. S., & PINEZI, A. K. M.. Desafios da Permanência Estudantil Universitária: Um estudo sobre a trajetória de estudantes atendidos por programas de assistência estudantil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 37, e228757, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/LXtF95VpbYyzkJTJtkxLrsw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 ago. 2023.

Golgher, A.. (2022). The determinants of the performance in the entrance exam of the Federal University of Minas Gerais. *Avaliação: Revista Da Avaliação Da Educação Superior (campinas)*, 27(3), 674–694. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772022000300015>

JARDIM, M. G. L., CASTRO, T. S.; FERREIRA-RODRIGUES, C. F.. Sintomatologia Depressiva, Estresse e Ansiedade em Universitários. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 25, n. 4, p. 645-657, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/fxPrQDMt7pJZcdR5sckDfhP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 ago. 2023.

JODELET, D.. Representações sociais: um domínio em expansão. In: Jodelet, D. **As representações Sociais**. P. 31-61, 2021.

LAHLOU, S.. Difusão das representações e inteligência coletiva distribuída. In: Almeida, A. M. O; Santos, M. F. S.; Trindade, Z. A. (orgs.). **Teoria das Representações sociais: 50 anos**. 77-127. Brasília, Technopolitik, 2014.

LIMA, C. L. S, et al.. Fatores relacionados à desesperança em universitários. **Cogitare enfermagem**, Curitiba, v. 26:e76641, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cenf/a/ndkHRxdxvr6DVTK6Nf6XrNr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 ago. 2023.

MENDONÇA, E. S.et al.. Juventude e projeto de vida: trajetórias na pesquisa acadêmica brasileira. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 230-248, 2018. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682018000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 ago. 2023.

MONTEIRO, R.; MUJICA, F. P.. A identidade sociocultural do jovem agricultor na vitivinicultura familiar e sua relação com a sucessão rural. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Caxias do Sul. V. 60(spe), e235637, 2022.

MOSCOVICI, S.. Ancoragem e objetivação, ou os dois processos que geram representações sociais. In: **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOSCOVICI, S.. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

NISHIDA, F. H. et al.. Impactos da aposentadoria rural sobre o abandono escolar no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Ribeirão Preto, v. 60(spe), e251012, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/XrdWDJBpHpb38XBzz8jD6hx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 ago. 2023.

PALMONARI, A.; CERRATO, J.. Representações sociais e psicologia social. In: ALMEIDA, A. M. O; SANTOS, M. F. S. & TRINDADE, Z. A. (orgs.). **Teoria das Representações sociais: 50 anos**, Brasília, Technopolitik, p. 402-433, 2014.

PEREIRA, J. L. G.; SOUZA, F. C.. Formação de Técnico em Agropecuária no Brasil e na Espanha: Projetos de vida da juventude rural. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 58, n.4, e202404, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/resr/a/4ZVmmTR3dDWr5KtFbYYrZTg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 ago. 2023.

PIRES, A. M. F. S. et al.. Avaliação do comportamento de risco de graduandos de Medicina em uma universidade de Alagoas. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v.46 n.01 e033, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbem/a/kCBsQxs3TCHSRZrsFVPK3PB/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em 20 ago. 2023.

PONTES, A. G. V.; SILVA, R.T.; SILVA, J.V. Cargas de trabalho, precarização e Saúde do Trabalhador no agronegócio no semiárido do Nordeste brasileiro. **Saúde Debate**, 47(39), 729-745, 2023.

SCOPINHO, R. A. A Psicologia social do trabalho e os trabalhadores das ruralidades. In: COUTINHO, M. C.; BERNARDO, M. H.. **Psicologia social do trabalho**. Editora vozes, p. 127-150, 2017.

SILVA, A. C.. **A representação social do negro no livro didático**: o que mudou? por que mudou? EDUFBA, Salvador, p.182, 2011.

SILVA, M. A. M. DA; DANZA, H. C.. Projeto de vida e identidade: articulações e implicações para a educação. **Educação em Revista**, Belo horizonte, v. 38:e35845, 2022. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/edur/a/YHwg8Fxlkwcb7gGSc7QQKkg/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em 20 ago. 2023.

TARDELI, D. D'A.; ARANTES, V. A.. As possibilidades de autorrealização expressas nos projetos de vida de adolescentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 25: e225698, 1-21, 2021. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pee/a/HpXTgDSg7GCwWcVhHGNSCGm/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em 20 ago. 2023.

TRINDADE, Z., SOUZA. A.; ALMEIDA, A.. Difusão das representações e inteligência coletiva distribuída. In: Almeida, A. M. O; Santos, M. F. S.; Trindade, Z. A. (orgs.). **Teoria das Representações sociais: 50 anos**, Brasília, Technopolitik, p. 133-159, 2014.

TROIAN, A.; BREITENBACH, R.. Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil. **Interações**, Campo Grande, MG, v. 19, n.04, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/inter/a/xQRmPSyw4yBzZtXcwnccm3K/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em 20 ago. 2023.

TRÓPIA, P. V.; SOUZA, D. C. C. E.. As portas permanecem semiabertas: estudantes trabalhadores nas universidades federais. **Pro-posições**, Campinas, v. 34, e20210033, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/S3ZQy57p6XDSrv5GZHzCfkS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 ago. 2023.

VINHAIS, H. E. F.. **Estudo sobre o impacto da expansão das universidades federais no Brasil**. Tese (Doutorado) - Curso de Economia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 234 f., 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12138/tde-20012014-152929/publico/HenriqueEduardoFerreiraVinhaisVC.pdf>. Acesso em 20 ago. 2023.

APÊNDECE

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

I. Dados Sociodemográficos

Idade: _____

Sexo: _____

Curso: _____ Período: _____

Quantas pessoas moram em sua casa na zona rural: _____

Renda média familiar: _____

II. Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP)

1. Quando eu falo a palavra TRABALHO, que palavras vêm em sua mente?

2. Quando eu falo a palavra TRABALHO RURAL, que palavras vêm em sua mente?

3. Eu estudante universitário sou ...

4. Nós estudantes universitários somos ...

5. Eles estudantes universitários são ...

6. Eu morador da zona rural sou...

7. Nós moradores da zona rural somos...

8. Eles moradores da zona rural são...

III. Roteiro de entrevista

9. Você poderia contar como foi sua infância na zona rural?

10. Você poderia contar como foi sua adolescência na zona rural?

11. E como foram os estudos durante esse período?

12. E durante esse período de infância e adolescência, como você imaginava que seria sua vida no futuro?

13. Você poderia contar como que aconteceu a história de ingressar na faculdade, desde o início?

14. O que você sabia sobre a faculdade? Como sabia? O que você imaginava que seria a faculdade e você estudante lá?

15. Após a entrada na faculdade você acha que sua vida mudou em alguma coisa? Se sim, em quais perspectivas sua vida mudou? Poderia explicar cada uma delas?

16. Após concluir a faculdade, você se imagina voltando ou permanecendo na zona rural? Poderia explicar melhor?

17. Quais os impactos que a faculdade trouxe ou poderá trazer para a sua vida pessoal? e para a vida profissional? Poderia explicar?

18. Como você avalia que será sua vida após a formatura? E sua relação com a zona rural, que elementos de sua relação com a zona rural irão modificar e que elementos irão permanecer?